

PALHINHA

“Eu não era medroso. Se o cara me desse pancada, eu também dava nele, tá entendendo?”

O canto do cisne de van Persie | O inferno de Fabio Quagliarella
San Lorenzo de volta a Boedo | O novo Mundial de Clubes da Fifa



relvado

Edição #8 | Maio 2019

Redação e Revisão

Anderson Moura
Caio Bitencourt
Felipe Portes
Fernando Cesarotti
Jessica Miranda
Luciana Zambuzi
Rodrigo Salvador
Wladimir Dias

Arte e Diagramação

Felipe Portes

Agradecimentos

Palhinha
Felipe dos Santos Souza
Paulo Sinisterra

Contato

revistarelvado@gmail.com
Twitter: *revistarelvado*
Facebook: */revistarelvado*

revistarelvado.com.br

Índice

- 4 EDITORIAL: A VIDA NA HISTÓRIA
- 6 ÁREA DO LEITOR
- 8 LADO B DOS BOTÕES: FEYENOORD 2001-02
- 10 RABISCANDO: TIM HOWARD
- 12 DETALHES: O PÊNALTI HEDIONDO
- 14 O CANTO DO CISNE DE ROBIN VAN PERSIE
- 22 EXPERIÊNCIA COLETIVA NA UTOPIA
- 30 UM CAMINHO PARA O CANIBALISMO
- 38 A TRAIÇÃO DA MEMÓRIA
- 44 SOLIDÃO SEM PÁTRIA
- 50 O INFERNO DE QUAGLIARELLA
- 58 O GREGO E QUENTE DERBY DA MACEDÔNIA
- 64 MINUTO 81
- 68 ENTREVISTA COM PALHINHA
- 84 POSFÁCIO: DIRCEU KRÜGER



O FUTEBÓLOGO

REFLETINDO O FUTEBOL SOB PRISMAS NÃO CONVENCIONAIS



O FUTEBOL COMO ARTE.
HISTÓRIA E MEMÓRIA.
TAMBÉM COMO ATUALIDADE E ANÁLISE.
SEMPRE EM BUSCA DO NÃO CONVENCIONAL.

OFUTEBOLOGO.COM.BR

  /OFUTEBOLOGO

Editorial: A vida na história

Por Wladimir Dias

A entrevista é uma experiência que, via de regra, provoca ansiedade. Não apenas aquela que antecede um primeiro encontro entre duas pessoas que não se conhecem. Mas outra, derivada do fato de que, por melhor preparado que esteja o entrevistador, há sempre um mundo diante de seus olhos. Desconhecido. Próprio. Por natureza, particular.

E, por mais que exista um senso comum em face de vários assuntos, trabalhar com o que revela a perspectiva do outro é sempre um exercício que gera apreensão. É inesperado. Muitas das vezes, é também ótimo.

Diversos motivos poderiam ser elencados para justificar a inquietação da manhã em que Palhinha recebeu *Relvado*, em sua casa. A diferença geracional entre entrevistado e entrevistador. As distintas experiências e contextos. Mesmo a dúvida quanto à forma como lidaria com assuntos difíceis. No sóbrio conforto de seu apartamento em Belo Horizonte, o craque dos anos 70 e 80 colocou em jogo sua vida. Como atleta e treinador. E, claro, como pessoa de opiniões fortes.

Apesar de transparecer uma inicial desconfiança (ou assim terá parecido), esta logo se transformou em um papo fluído. Que foi e voltou, algumas vezes, sem amarras. E que, acima de tudo, permitiu à estrela desta edição relatar suas memórias e se posicionar diante delas. Terá dito coisas que não diria antes? Ocultado outras? Quem pode saber... Certeira mesmo foi a ênfase dada aos temas trabalhados; por trás da assertividade, estando o ser humano. Simples. É por esses caminhos que anda a história. Se fosse linear, objetiva, não teria graça. Se não fosse própria da existência individual e, ambivalentemente, coletiva,



idem. A história não é única e não é estática. Serve a diversos propósitos. Ela glorifica. Faz rir. Entretém. Diverte e provoca o choro. Dói — assim como a falta dela. A memória é que conecta o hoje ao ontem e, eventualmente, ela pode trair. Pior, alguma hora, fatalmente, deixa de existir. Para evitar que a efemeridade da memória a entregue à insignificância e o esquecimento, nos serve a história.

Nas páginas que se seguem, há muita história. E estórias. Claro: como a história depende do presente, não se fala apenas do tempo passado. Ainda assim, se há uma mensagem importante a ser transmitida, talvez ela seja melhor explicada por meio de uma frase popular, de origem incerta: “Dizem que você morre duas vezes, uma quando para de respirar, e a outra quando alguém menciona o seu nome pela última vez”.

Queremos garantir que as pessoas que marcaram, por um motivo ou outro, a história do futebol vivam longamente, mesmo que seus corações já tenham parado de bater e seus pulmões já não se encham de ar. Relvado 8, portanto, é dedicada a Dirceu Krüger, o entrevistado da edição 6, que, tristemente, viveu, no último 25 de abril, a primeira morte de um homem. ■

relvado

ÁREA DO LEITOR

Envie a sua pergunta para:
revistarelvado@gmail.com



A *Relvado* abre espaço para sanar a curiosidade dos seus assinantes. Reunimos e selecionamos algumas perguntas para mais uma edição da Área do Leitor. Quer mandar a sua pergunta? Use o nosso Twitter, [@revistarelvado](https://twitter.com/revistarelvado).

Quanto tempo o SC Rio Grande, o mais velho do Brasil, ficou sem perder desde sua fundação? Qual clube o derrotou? (Homero Queiroga)

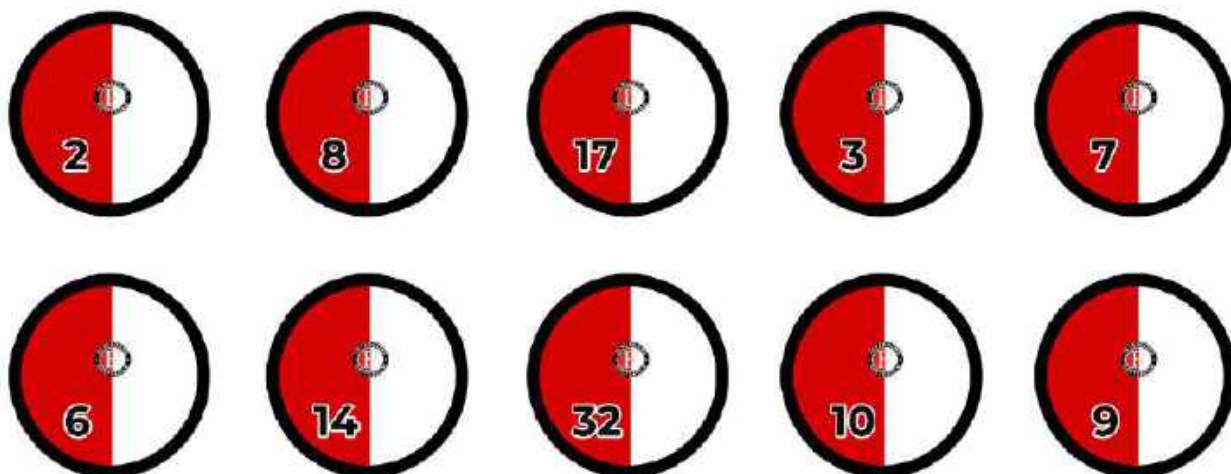
R: Excelente pergunta, Homero! De acordo com nossos alfarrábios, o Rio Grande foi fundado em 19 de julho de 1900, e só perdeu a primeira partida em 1909, para o Pelotas, por 2 a 0, na casa do adversário. A espera por uma derrota foi tão longa quanto a agonia pelo primeiro título, também conquistado em



1909, na Taça Prefeitura de Porto Alegre, em duelo com o Grêmio, por 3 a 1. Ou seja: nove anos para erguer o primeiro caneco e para sofrer o primeiro revés. Fonte: Campeões do Futebol.

Quem são os maiores artilheiros da história dos quatro times de São Paulo? (Vitor Camargo)

R: Vitor, a liderança dessas estatísticas não sofre alteração há um bom tempo! Vamos começar pelo seu querido Tricolor Paulista, que tem Serginho Chulapa como principal goleador, somando 242 tentos, nove a mais do que o segundo da lista, Gino Orlando, com 233. O Corinthians tem Cláudio na ponta, com 305 gols, uma ótima vantagem em relação a Baltazar, o Cabecinha de Ouro, com 269. Já o Palmeiras, conta com Heitor, que tem 317 gols e larga margem para César Maluco, com 182. Por fim, o Santos tem um tal de Pelé, que somou apenas 1091 gols com a camisa do clube, bem mais do que o dobro de Pepe, que vem “logo atrás”, com 405. Nota-se, portanto, que o Rei do Futebol obliterou toda e qualquer concorrência nesse sentido. ■



1 - EDWIN ZOETEBIER
 2 - CHRISTIAN GYAN
 8 - KEES VAN WONDEREN
 17 - PATRICK PAAUWE
 3 - TOMASZ RZASA
 7 - BONAVENTURE KALOU
 6 - PAUL BOSVELT (C)
 14 - SHINJI ONO
 32 - ROBIN VAN PERSIE
 10 - JON DAHL TOMASSON
 9 - PIERRE V. HOODONK



Cidade | Roterdã

Fundação | 1908

Temporada | Campeão da Copa Uefa

Time base | Zoetebier, Gyan, Van Wonderen, Paauwe, Rzasa, Kalou, Bosvelt, Ono, Van Persie, Tomasson e Van Hooijdonk

Téc.: Bert van Marwijk

Final da Copa Uefa, 08 de maio de 2002. Em casa, no De Kuip, o Feyenoord lutava contra o Borussia Dortmund, no que era um embate entre escolas distintas. Os alemães, envelhecidos e em período de transição, viam o fim de uma gloriosa fase com muitos títulos nacionais e cutucadas no Bayern. Os holandeses, comandados por Bert van Marwijk, ocupavam um papel honroso dentro do país, em um momento de muito equilíbrio entre seus três gigantes.

A dupla de ataque do Feyenoord, composta por Pierre van Hooijdonk e Jon Dahl Tomasson, botava algum medo na



experiente defesa do Dortmund. Não à toa, foi essa parceria que rendeu os três gols do Stadionclub na partida. Em sete minutos, van Hooijdonk abriu o caminho com dois tentos. Amoroso, do outro lado, diminuiu de pênalti. Tomasson fez o terceiro e viu o grandalhão Jan Koller encerrar a conta em Roterdã, 3 a 2, jogo consideravelmente animado.

Aquela noite selou o último título europeu de uma equipe da Holanda. O Feyenoord, porém, jamais alcançou as expectativas que foram criadas em torno daquele elenco e estagnou dali em diante. Entre os onze titulares, apenas um superou os prognósticos e fez história, elevado ao status de ídolo nacional: Robin van Persie. ■

Rabiscando: Tim Howard

Por Anderson Moura

Goleiro mais sólido da história do futebol estadunidense, aos 40 anos, o veterano Tim Howard encaminha-se para sua última temporada como jogador profissional, defendendo o gol do Colorado Rapids.

Em 15 anos de seleção norte-americana, Howard esteve em campo 121 vezes, um número que só não é tão espantoso quanto a quantidade de tatuagens que ele tem. Nem ele mesmo sabe exatamente quantas são.

Mas, engana-se quem acha que é tudo uma completa bagunça. Talvez por possuir Transtorno Obsessivo Compulsivo, o goleiro fez questão de botar uma ordem em meio ao caos. Sua perna direita, por exemplo, é prioritariamente ocupada por tatuagens de rostos, como os do ex-presidente dos EUA, John F. Kennedy, e do ativista de igualdade racial Malcolm X.

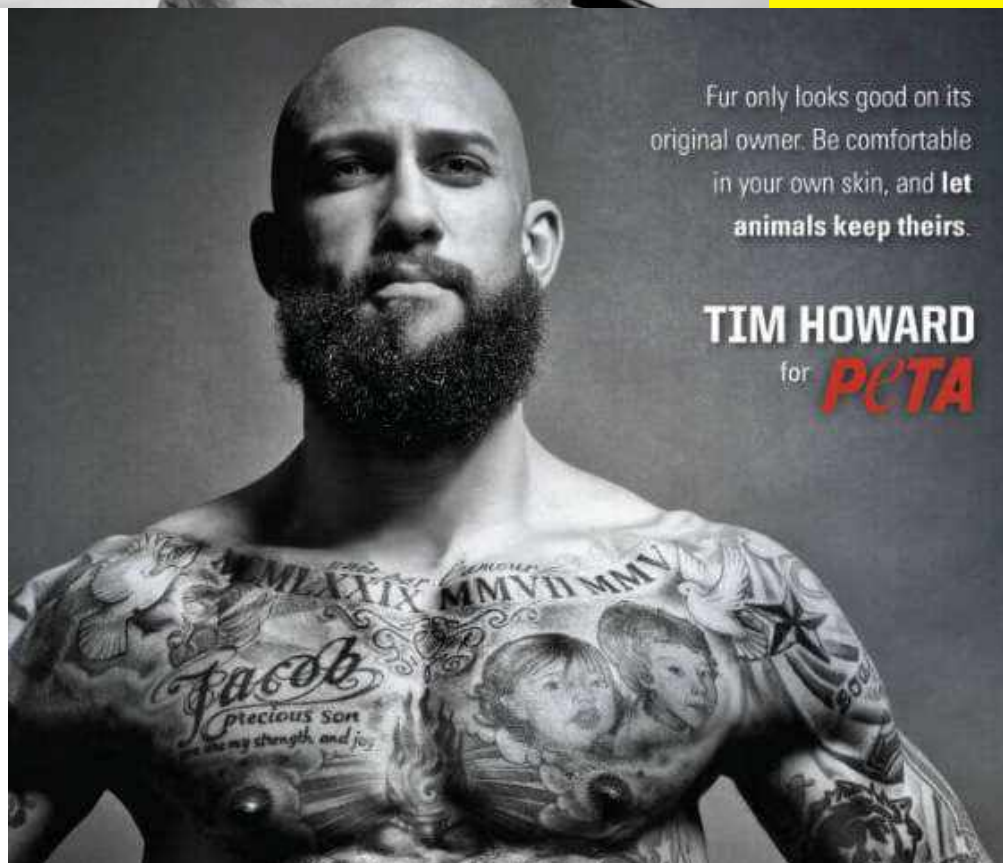
Em meio a cruces, dragões, números em algarismos romanos e o símbolo do Super-Homem (que foi a 1ª tatuagem) não há muitos desenhos que tenham o futebol como inspiração, mas Tim fez questão de marcar em sua pele as iniciais do amigo Jermaine Jones e tem também o lema do Everton, clube em que jogou por 10 anos: *Nil Satis Nisi Optimum* (algo como “Nada além do ótimo nos satisfaz”, em tradução livre).

Um fato curioso propiciado por suas tatuagens é que o goleiro foi escolhido como uma das estrelas de uma campanha da ONG Peta contra o uso de peles de animais em roupas, cujo lema era “Pele só fica bonita em seu dono original. Fique confortável com a sua e deixe os animais com as deles”. ■



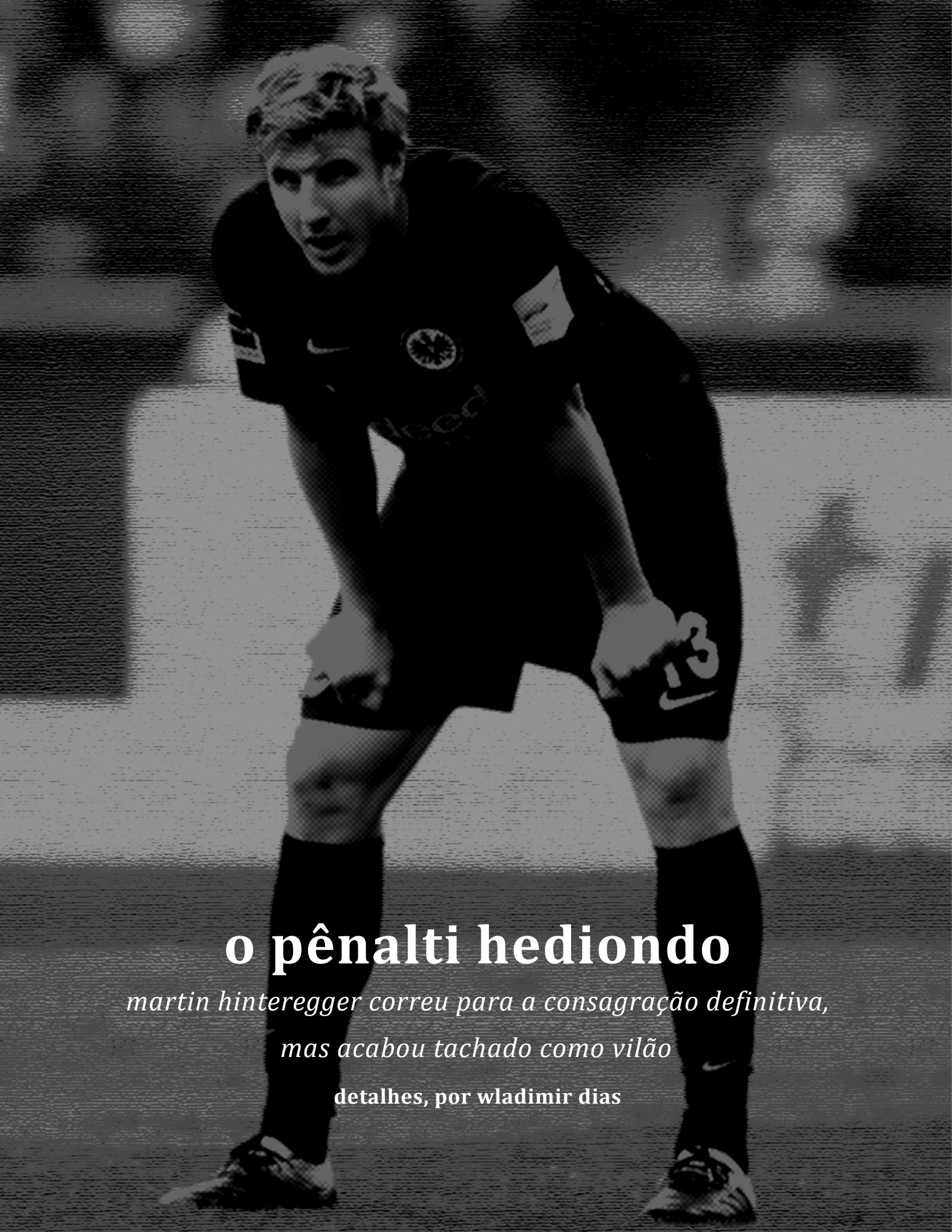
Na foto à esquerda, JFK e Malcolm X lado a lado na perna direita de Howard, algumas das tatuagens de rostos que o goleiro fez pelo corpo. Em outros desenhos, referências a super heróis e à sua longa passagem pelo Everton. Abaixo, a campanha contra uso de pele animal

Instagram /
@timhow1



Fur only looks good on its original owner. Be comfortable in your own skin, and **let animals keep theirs.**

TIM HOWARD
for **PETA**



o pênalti hediondo

*martin hinteregger correu para a consagração definitiva,
mas acabou tachado como vilão*

detalhes, por wladimir dias

Stamford Bridge, 9 de maio de 2019. Chelsea e Eintracht Frankfurt duelam por uma vaga em mais uma final da Liga Europa. No tempo normal, 1 a 1. Pênaltis para decidir o vencedor. No papel, o milionário Chelsea bota muito mais medo do que os azarões alemães. Mas, tal qual o papel, o campo aceita tudo. E reage a tudo.

De todos os possíveis astros para o duelo, o que provoca reações menos esperadas é a exibição que o zagueiro austríaco Martin Hinteregger faz em solo inglês. Aos olhos que observam, mas nada veem, talvez o beque passasse por um mero “rebatedor”, na forma mais pejorativa do termo. Mas quem falou que rebater, proteger, recuperar e desarmar não são verbos tão nobres como passar ou chutar? Não houve vivalma em campo que tenha freado mais as investidas rivais. Os olhares que enxergam percebiam que aquela atuação era de uma grandeza peculiar.

Talvez, a enormidade de Hinteregger tenha lhe conferido o direito de decidir quando a oportunidade se apresentou. A confiança proveniente de um desempenho como o seu não deixou dúvidas quando a partida acabou e ele foi um dos escolhidos para bater um pênalti. Sim, um pênalti, cujo poder de destruição é igual ao de redenção.

Tudo ia bem para os alemães. Então, Hinteregger foi para a bola. Assumiu a responsabilidade e fez o simples: bateu com força na bola, direcionando-a para o meio do gol. Era uma decisão segura, afinal quantos goleiros permanecem parados no centro da meta?

Kepa, o arqueiro dos Blues, ficou. A confiança mudou de lado.

Pelo Chelsea, Jorginho e David Luiz cumpriram sua missão e viram Kepa frear o sonho do Frankfurt, nos pés de Gonçalo Paciência. Tudo ia bem para os alemães. Até o pênalti no meio. O futebol, como se sabe, não admite erros. Hinteregger foi de herói a vilão em poucos instantes, em um castigo pesado, cuja dimensão não se explica por outra forma senão as lágrimas que escorreram de seus olhos. Porém, pensemos: o que teria sido dos 120 minutos sem o beque? Na história de atribuir a alguns a glória e a outros a desgraça, serão só os protagonistas os vilões? Talvez.

O campo aceita tudo. Mas o papel também.



O CANTO DO CISNE DE VAN PERSIE

Ídolo retornou ao Feyenoord para se aposentar e reatar uma relação outrora turbulenta

HOLANDA | POR FELIPE PORTES E FELIPE DOS SANTOS SOUZA

Divulgação / Feyenoord

Pequenos garotos torcedores do Groningen aguardam no túnel a entrada do time da casa e do Feyenoord, equipe visitante. Do outro lado da fila, meninos uniformizados com as cores do rival já dão as mãos para seus ídolos. Quem lidera o pelotão do Feyenoord é um rapaz grisalho com cara de menino. Um dia, ele provavelmente esteve no lugar das crianças que agora olham entusiasmadas na sua direção.

Afinal de contas, não é sempre que se tem a chance de entrar em campo ao lado de um jogador de futebol. Mais inesquecível ainda é que este jogador chamado Robin van Persie se dê o trabalho de cumprimentar e apertar a mão de cada um desses meninos. Um gesto simples, mas que mostra o respeito e o afeto de um legítimo herói local.

Em outra partida pelo Campeonato Holandês, contra o Vitesse, o capitão aparece em vídeo conduzindo nos ombros um outro pequeno, com deficiência, permitindo que ele sentisse o carinho e o calor da torcida nas arquibancadas na cidade de

Arnhem. O breve tour durou apenas alguns passos, mas foi o suficiente para emocionar qualquer ser racional e dotado de um pouco de compaixão. É impossível não comparar a situação com outros episódios desagradáveis mundo afora, em que crianças indefesas são achincalhadas por marmanjos amargos que são incapazes de reconhecer a pureza que é alguém tão jovem demonstrar amor pelo seu clube.

Para muitos, Robin é um arquétipo do pai famoso e talentoso que introduz seu filho ao mundo do futebol da maneira mais completa. Para outros, o camisa 32, alçado ao estrelato por meio do Feyenoord, é um retrato de como o envelhecimento ensina a encarar a vida. Os erros da juventude foram substituídos na memória pelos gols marcantes e trajetória vitoriosa por clubes.

Robin, o terrível

O tempo tratou de esculpir e polir uma história brilhante para quem foi tão problemático e irascível no passado. Criado na periferia de Roterdã, Robin era, proporcionalmente, muito bom de bola e de briga. O temperamento imprevisível quase comprometeu a sua carreira no futebol. Felizmente para ele, os surtos de estrelismo e de agressividade não se sobrepuseram aos arroubos de genialidade com a bola nos pés. Na terra do futebol enquanto tendência estética, van Persie conseguiu ser a mescla entre o terrível e o belo.

Quem viu de perto a estrela surgir pode jurar que o veterano atacante mudou da água para o vinho. A experiência e a paz forjaram uma nova versão do menino-problema que retornou à cidade natal em 2018, depois de anotar quase 300 gols como profissional. Catorze anos antes, em 2004, o magro rapaz partiu de mala e cuia para Londres, onde seria, dali em diante, problema do Arsenal. Tantas confusões em pouco tempo dentro do Feyenoord fizeram de RvP um diamante bruto e brutal. Era custoso para a equipe de Roterdã tê-lo no elenco por conta de seu perfil desagregador e egoísta.

Na escola, souberam que o filho de José Ras e Bob van Persie, ambos artistas plásticos, era uma bomba-relógio. Se expressava não pelas telas ou esculturas dos pais, mas pela língua da bola. O mundo tinha de se curvar a Robin, de um jeito ou de outro, por bem ou por mal. Trocando o erudito pelo popular, foi fazer seu nome bem longe das galerias de arte.

Muito cedo, impunha a sua vaidade perante quem quer que fosse. O desrespeito à autoridade, em geral, não diz boa coisa sobre ninguém. A salvação, no entanto, veio por meio do futebol, esporte que sempre teve muito a ganhar com personagens controversos.

Está posto que o circo da bola e sobretudo o da imprensa jamais se sustentariam se os futebolistas se portassem como, por exemplo, os tenistas. De um lado, meninos influenciados por seus hormônios e por sonhos impossíveis de glória nos gramados. Vale tudo para ser um craque que tem seu nome gritado por milhares de outros bárbaros. Vale a trapaça, a mentira, contanto que o objetivo seja a vitória. Do outro, rapazes muito bem educados que aprendem desde cedo valores morais irretocáveis, que vivem em um mundo em que até mesmo o palavrão é recriminado, que dirá o descontrole.

Fosse van Persie um tenista, pararia antes mesmo do profissional com outra profissão em mente e um sem número de raquetes quebradas em surtos de raiva. Roterdã, contudo, agradece que o caminho de seu último filho pródigo tenha sido traçado dentro dos gramados.

Vilão favorito

Os puxões de orelha recebidos na Holanda não serviram de nada. Era preciso aprender a lição sem ninguém por perto que passasse a mão na cabeça. Em Londres, desabrochou como alguém mais maduro e menos impulsivo. O caminho até o futebol inglês foi recheado de obstáculos, porém. Robin era só

um menino que provavelmente deveria ter ido parar em um colégio interno quando deixou o Excelsior em litígio com a diretoria para se transferir ao Feyenoord.

Muita gente dentro do De Kuip sabia que a promessa era quente demais para ser ignorada. Petulante, ganhou terreno abusando da criatividade e mirando a grande área. Sabia que tinha algo a mais que todo o resto, incluindo os mais experientes. Não poupou nem o técnico Bert van Marwijk de seus estrelismos. Logo, o jovem ganhou espaço entre os grandes e teve a sorte de encaixar grande sequência de jogos na temporada em que o Stadionclub venceu a Copa da Uefa diante do Borussia Dortmund, em 2002.

Escolhido pela Federação Holandesa como o melhor novato, firmou contrato como profissional pelo Feyenoord. Não se podia mais recuar. Robin van Persie era o futuro do futebol holandês, arrasado pela ausência da Oranje na Copa do Mundo da Coreia e do Japão.

Meses depois da glória continental, o Feyenoord encarava as fases preliminares da Liga dos Campeões, contra o Fenerbahçe. O comandante van Marwijk, então, preparava a alteração para promover a entrada de van Persie. Exceto que o garoto simplesmente se recusou a entrar e viu enterradas ali as chances de atuar contra o Real Madrid, na Supercopa. Barrado no baile, testou sua força como astro até ser devolvido ao time B por conta dos problemas com o chefe.

A relação entre Bert e seu pupilo seguiu intempestiva até 2004, quando, em baixa, Robin foi praticamente chutado pelos roterdaneses. O Arsenal, que acabara de ser coroado como invencível, adicionou alguma pimenta à receita do time avassalador de Arsène Wenger. O treinador francês, que sempre foi fã de jovens talentos, buscou nos Países Baixos o herdeiro natural de Dennis Bergkamp, fonte de lances fabulosos e

apelidado cruelmente de Holandês não-voador por conta de sua fobia de avião. Não foi só Wenger que chamou. A seleção da Holanda deu um voto de confiança a Robin na figura de Marco van Basten, um homem que certamente tinha muito o que ensinar na arte de empurrar a bola para o gol.

Em 2005, passou a figurar nas convocações internacionais. E só parou em 2015, um ano após a empolgante participação na Copa do Mundo do Brasil, recordada por um gol espírita de peixinho contra a Espanha, que marcou uma geração.

Amansando a fera

Havia quem duvidasse que van Persie pudesse domar o seu caráter explosivo. Contudo, o casamento com a marroquina Bouchra Elbali estabilizou as coisas para o goleador. Os dois filhos em menos de quatro anos de relacionamento acalmaram de vez o rapaz. Os atritos não sumiram do dia para a noite. Apenas diminuíram e se tornaram suficientemente irrelevantes para não envenenar a imagem do atleta.

Três Copas do Mundo como titular e duas Eurocopas ajudaram na consolidação de Robin como o grande centroavante holandês de seu tempo. Ao menos o mais regular, já que Ruud van Nistelrooy e Klaas-Jan Huntelaar, enfrentaram problemas diversos em dado momento.

Não à toa, van Persie se isolou no topo da artilharia da Laranja, com 50 gols em 102 partidas, sendo o sétimo atleta que mais serviu o país.

A tristeza foi grande ao sair da cena internacional, com um gol contra simbólico diante da República Tcheca. Na derrota por 3 a 2, em 2015, os holandeses acabaram ficando de fora da Eurocopa 2016. E Robin perdeu definitivamente seu espaço até uma última convocação, em 2017, nas Eliminatórias da Copa do Mundo. Decepcionando novamente, a Holanda ficou de fora.



A volta e a redenção

Não demorou para que fosse especulada a volta do atacante ao seu clube de coração, o Feyenoord. No entanto, em 2015, após passagem marcante também pelo Manchester United, RvP, que ainda era desejado pelos grandes europeus, assinou com o Fenerbahçe.

Foi apenas em 2018, depois de rescindir contrato com os turcos, que aceitou o convite para pisar novamente no estádio De Kuip, agora com certa bagagem e a responsabilidade de capitanear um elenco que ainda não havia se dado conta da façanha que era ter conquistado o Campeonato Holandês, depois de quase vinte anos.

Entrava um ídolo, saía outro: Dirk Kuyt, craque de muitos carnavais, se aposentava com a missão cumprida; havia

encerrado seu ciclo da melhor forma possível. Van Persie, ao menos inicialmente, chegava para executar o mesmo papel de redentor de si mesmo e do próprio Feyenoord, que falhou em repetir a boa forma sob o comando do ex-lateral Giovanni van Bronckhorst.

Apesar de ver a distância para Ajax e PSV aumentar de forma gritante de um ano para o outro, Robin causou o impacto positivo que se esperava em menos de um semestre. Com ele, o clube de Roterdã ergueu a Copa da Holanda diante do AZ, vencendo por 3 a 0 com um gol do seu líder e camisa 32.

A volta olímpica sucedida pelos últimos passos é um desfecho para lá de emocionante. Quem sequer era nascido quando ele partiu para a Inglaterra, quem duvidou que ele pudesse vencer seus demônios e também o fã-clube que o viu no auge com outra camisa: todos eles devem sentir algo diferente quando Robin, aos 35 anos de idade, revela a um pequeno garotinho o microcosmo de um jogador que se depara com seus súditos e tem a missão de fazê-los felizes até o último pique que resta em uma partida.

De cima dos ombros do craque, esse menino vê só a figura de um gigante. O dono de uma imagem reconstruída a partir de seus próprios erros.

Quem sabe um dia, essa criança se dê conta do quão apoteótico foi protagonizar esse momento. Por um instante, a fantasia se fez presente ali, enquanto o Robin de Roterdã se reencontrava com seu espelho.

No momento em que jogadores popstars ficam cada vez mais introspectivos e focados neles mesmos, o holandês oferece um sopro de alívio e inocência ao esporte que pode até mudar de cara, mas jamais perderá a sua essência e seu poder de povoar os sonhos infantis. ■



EXPERIÊNCIA COLETIVA NA UTOPIA

Como está a volta do San Lorenzo a Boedo e o impacto de um bairro e seu clube de futebol no florescimento criativo e na perpetuação de memórias de torcedores esperançosos

ARGENTINA | POR JESSICA MIRANDA



*Antiga casa do San Lorenzo foi demolida para dar lugar a um hipermercado
(Divulgação/San Lorenzo)*

Na poltrona à frente estava uma garotinha, que do alto de seus quatro anos lançava olhos curiosos pelo vão do assento. Também pudera: quem usa óculos escuros num vôo às nove da noite? Bem, eu. A ansiedade seria por andar de avião depois de quase vinte anos (quando eu devia ter tipo a idade da menina, que não se lembrará dessa experiência, tampouco do nosso encontro) ou por estar prestes a pousar na Argentina para gravar um documentário em inglês sobre o San Lorenzo? Suspeito que seja a segunda hipótese.

Jess não sabia se planejar

Sendo uma pessoa que sente frio acima da média, deveria ter me preparado para o outono de Buenos Aires. Dezoito graus da capital da Argentina não é a mesma coisa que em São Paulo. Nem de longe. Seja por burrice ou ingenuidade, sofri as consequência pela má escolha de meu guarda-roupa: três

conjuntos de calças e blusas de cores “chegay”. Irrepetíveis, por óbvio. Como o primeiro dia estava mais quente, usei a jaquetinha, deixando a de couro guardada. Passei um frio lazarento pelos próximos quatro dias porque não poderia mudar o traje.

Segundos antes de começar a gravar a entrevista com o historiador Adolfo Res, eu estava deitada num sofá pequeno, usando jaquetas de três outros membros da equipe. Despida da minha proteção, parecia Gasparzinho — o fantasma da camarada — acenando com a cabeça e deixando o homem que diz ter lutado na batalha das malvinas com a roupa do San Lorenzo por baixo de seu uniforme falar e falar e falar.

Depois de três anos, resolvi contar essas anedotas. Sem a menor intenção de receber confetes ou querer soar falsa humilde, eu realmente nunca mais vi o documentário. No máximo aguntei uma ou outra cena, quando era necessário mostrar a colegas e *crushes*, depois da insistência deles. Me olhar na tela e ver aquela bola ansiosa, passando frio a ponto de bater queixo não me soava decente.

O embargo acabou. Compreendo que fiz meu melhor naquelas condições. E, na moral, ainda recebo elogios pelo vídeo. Até o Jonathan Wilson deu as caras lá (adoraria que ele tivesse sido meu pai).

Após vencer uma seletiva sul-americana, tive a chance de gravar um documentário em qualquer lugar do continente. Meu pitching sobre San Lorenzo foi aceito e lá estava eu, em abril de 2016, para transformar a ideia e roteiro em realidade e contar a história da perda do antigo estádio, em 1979, na Avenida La Plata, para a ditadura militar, que teria seu fim quatro anos mais tarde. Logo depois, o governo revendeu o espaço para o Carrefour pelo triplo do preço pago ao clube. A empresa francesa demoliu toda a estrutura e em seu lugar ergueu um hipermercado.



Divulgação / San Lorenzo

É nosso, pero no mucho

O Nuevo Gasómetro se encontra num bairro periférico, conquanto não tão longe de Boedo, composto por favelas. Mesmo vivendo quase três décadas numa região simples de São Paulo, confesso que senti apreensão ao gravar no redor - ainda mais estando com homens, claramente, “gringos”. No fim de 2018, com o agravamento da crise nacional na economia, o próprio clube emitiu um comunicado solicitando que a AFA não marque os jogos no Gasómetro no período noturno, pela quantidade de assaltos a seus torcedores.

Mas antes disso, em 2005, um punhado de torcedores, tidos como loucos, criaram a Subcomissão do “Hincha”, iniciando a batalha da volta para casa. Oficialmente, o primeiro de julho de 2019, data em que o clube retomará o controle da área de seu antigo estádio, já é comemorado pela torcida, que se manifesta tanto nas redes sociais como no bairro de Boedo, com seus grafites alusivos ao marco. O processo de retorno, entretanto, teve diversas nuances complicadas.

Embora sempre latente, a campanha de volta à casa explodiu em março de 2012, com cerca de cem mil pessoas na Praça de Maio — o principal palco de manifestações da capital argentina — clamando pela aplicação da Lei de Restituição Histórica. Oito meses depois, os vereadores de Buenos Aires votaram por unanimidade a desapropriação da terra.

A volta para Boedo contém entraves financeiros. De início, uma compensação ao Carrefour. Depois de batalhas judiciais infundáveis, ficou acordada a indenização de quatro milhões de dólares, em quatro parcelas iguais.

Sete milhões de trumps foram arrecadados pelos torcedores, que compraram “pedacinhos” do estádio, numa campanha global que incluiu até o astro Viggo Mortensen, famoso por ter atuado como Aragorn, na trilogia O Senhor dos Anéis.

Não há unanimidade neste acordo entre os torcedores. Uma parcela, como o historiador do documentário, acredita que o clube deveria ter tido uma investida jurídica mais incisiva contra a rede francesa.

A partir da quitação da terceira cota, com vencimento em julho de 2019, o Carrefour precisará entregar a posse do terreno. O presidente do San Lorenzo, Matías Lammens, pronunciou-se sobre o valor total para reerguer o novo-antigo estádio: 75 milhões de dólares. Na Argentina, o preço do metro quadrado dos imóveis/construções se baseia na moeda americana, que se valoriza cada dia mais ante o dinheiro local.

Como é de se esperar, o cenário é incerto e assustador: “Passamos de um projeto em que necessitávamos de uma determinada quantidade de pesos há quatro ou cinco meses para um projeto que precisamos de quase o dobro, e, claro, nesse sentido a conjuntura preocupa”, afirmou o mandatário ao diário Olé. O projeto de rezoneamento foi apresentado à Câmara local em março de 2019. Mesmo pendente de votação,

já permite a criação de Comissões de diálogo e planejamento. No jogo contra o Gimnasia, no fim de março, os atletas do Ciclón posaram com uma grande faixa “#SíALaLeyDeRezonificación”, mostrando que o jogo não se restringe ao relvado.

Gringo foda estuda torcida foda

Gravar um documentário exige planejamento e, principalmente, um vasto conhecimento. Para me auxiliar nessa tarefa eu conheci, através da internet, o sociólogo Matt Hawkins. Sua amabilidade e seu carisma, embora tímido no vídeo, são proporcionais ao repertório cultural e histórico que possui do San Lorenzo.

A sua atípica, para os padrões de Ottawa, paixão por futebol levou um canadense a querer estudar os torcedores em seu estado mais utópico para escrever a tese de doutorado em sociologia, com ramificação em antropologia. Numa parte das mais de 400 páginas de sua tese, Matt explora o processo de renovação do clube além do futebol. O San Lorenzo investiu no clube social, melhorando a estrutura do local e investindo em outros esportes, como o basquete. O bairro de Boedo, a região, é uma pintura viva de demonstração de amor ao clube e seus torcedores, com grafites a cada esquina.

No entanto, o sociólogo argumenta ser a relação entre o San Lorenzo e a região do Velho Gasômetro diferente das de outros clubes com seus bairros. Mesmo destacando a cultura típica argentina, quase umbilical, entre o território do estádio e os moradores do entorno, o caso do clube cuervo vai além da paixão exacerbada.

Parte majoritária dos hinchas vive essa relação apenas através de memórias dos que puderam estar presentes no antigo estádio. A arte de narrar histórias, de criar músicas, faixas, pinturas e tudo que há de rico na reconhecida torcida do time pode ser simplificada pela ânsia de reviver o passado,



transmitido de geração para geração, e capaz de justificar a agonia na espera pela justiça — recebendo de volta o que não deveria nunca ter sido arrancado. A partir de 2012, ano do início da “Volta a Boedo”, o quadro de sócios aumentou significativamente. Mas este crescimento, de mais de 70 mil pessoas, também foi impulsionado pela visão dos dirigentes ao aprimorar o uso do clube pelos torcedores, enxergando-os não apenas como pagantes de um jogo de futebol, contrapondo-se à visão predominante desse esporte no Brasil.

Apesar do fim do programa Fútbol para Todos, como parte do espólio político na AFA depois da morte do Poderoso Chefão Julio Grondona, e do desastre econômico que tomou o país, o San Lorenzo mostra, a duras penas, estar sobrevivendo com responsabilidade e planejamento para tornar a utopia do futuro estádio Papa Francisco, torcedor notório do clube, realidade. ■

relvado



A **relvado** agora pode pintar no seu Kindle.

Todas as edições disponíveis em:
bit.ly/relvadokindle





UM CAMINHO PARA O CANIBALISMO

Novo modelo do Mundial de Clubes apresentado pela FIFA pode criar distorções e destruir a realidade do futebol, ao invés de democratizá-lo

MUNDO | POR CAIO BITENCOURT



Divulgação / Fifa

É de conhecimento público o contexto do novo Mundial de Clubes, divulgado pela FIFA no Congresso de 15 de março de 2019, em Miami (onde mais poderia ser?). Ele definiu a criação de um novo Mundial, diferente dos anteriores, com 24 clubes, e grupos de três equipes. Substituindo a Copa das Confederações, o que, por si só, cria problemas para os clubes — tendo que jogar em época de verão europeu, férias para os locais em seus respectivos calendários —, a nova competição, anunciada pelo presidente da entidade, Gianni Infantino, tem peculiaridades e falhas.

Primeiramente, falemos do provável número elevado de equipes europeias, imaginado e feito com base na Copa do Mundo de Seleções. Ele não possui o mesmo nível de isonomia necessário para uma Copa do Mundo desse porte nos clubes, em vista da conjuntura do futebol atual, no qual é sabido que a concentração financeira é forte por essência na Europa, e em outros continentes acontece apenas de maneira isolada.

Desse modo, bastariam campeões recentes da Liga Europa para se ter noção da disparidade técnica e econômica entre eles, como o Atlético de Madrid, o Manchester United, o Sevilla e o Chelsea, que muitas vezes fazem contratações de valores altos ou buscam o grosso de seus jogadores em outros continentes. Em adição a isso, tem-se inúmeros outros motivos a se citar pela surrealidade.

O peso do lado financeiro

Para imaginar o quanto o novo Mundial é horrível com parâmetros atuais: pense o Atlético Nacional, campeão da Libertadores de 2016, tendo que disputar um Mundial de Clubes em 2019, com o elenco atual, sem nenhum dos jogadores campeões e feras do time. E ainda com Paulo Autuori como técnico, em vez dos consagrados Reinaldo Rueda, ou mesmo Juan Carlos Osorio.

Por outro lado, podemos projetar, com base nas informações do *Globoesporte.com*, que o novo torneio pagará premiação superior àquela da Liga dos Campeões, mesmo porque, se é para se justificar como o maior torneio de clubes do mundo, é preciso que se pague de acordo. Ao mesmo tempo, pode ser usado como argumento o fato de que o Mundial pode acarretar um aumento nas receitas de patrocínio, além do fator atrativo para jogadores e tudo mais. De fato, é uma situação plausível. Pode-se citar que os quatro brasileiros campeões da Libertadores nesta década tiveram aumento considerável de receitas no ano em que conquistaram o título.

Entretanto, como é possível concorrer se há disparidade econômica em salários e valores de jogadores que não se equivale muitas vezes nem mesmo dentro do próprio continente, devido à variação de câmbio entre moedas, o que fortalece muitos clubes na hora de definir as contratações? Em um cenário ideal, pode-se pensar em um aumento de receitas, de competitividade financeira. Mas e se o clube vive em um

país em recessão, como o Brasil, onde 1 real equivale a 4 euros? Ou uma venda que é um “dinheiro de pinga” para um clube europeu, vira um negócio da China para um clube brasileiro?

Queda de nível

Voltemos ao exemplo do Atlético Nacional: como iria disputar um mundial em 2019, tendo do elenco somente dois daqueles titulares no elenco atual? Desses jogadores, apenas um deles segue titular até hoje: Daniel Bocanegra. Seu parceiro, o zagueiro Alexis Henríquez, tem perdido espaço com Paulo Autuori.

Há de se considerar também que a grande maioria daquele grupo campeão de 2016 não repetiu o mesmo sucesso em outros clubes. Seja Alejandro Guerra ou Miguel Borja, que vivem entre o amor e o ódio dos palmeirenses; Orlando Berrío, que sofreu com grave lesão e tenta retomar espaço no Flamengo; ou até outros jogadores que perderam brilho rapidamente.

Especule a seguinte hipótese: o jogador deixaria de ir a algum outro mercado para crescer na carreira ou enriquecer, como na Europa, ou na China, apenas para disputar dois jogos de um Mundial de Clubes, quatro ou três anos depois do título? É claro que, com um Mundial, é possível pensar que negociações como a de Macnelly Torres para o Libertad poderiam ser evitadas, por mais que o meio-campista tenha 34 anos em 2019, e já tenha perdido muito de seu apelo, com uma queda recente de produção nas últimas temporadas no clube verdolaga.

Mesmo que hipoteticamente esses jogadores todos tivessem permanecido no Nacional: qual seria a garantia de que eles teriam o mesmo sucesso e o mesmo rendimento técnico em três anos? O Mundial de Clubes anual, como é atualmente, apesar dos pesares, procura premiar o melhor momento de cada equipe no ano vigente. Captura com sucesso o ápice de muitos atletas, que talvez não tenham a oportunidade de se manter em alto nível por muito mais tempo.



Além de tudo isso, é impossível pensar em um equilíbrio nessas ocasiões, sobretudo sem um mecanismo que desfaça ou diminua essa disparidade. Ou seja, o equilíbrio é uma utopia. O novo Mundial da Fifa já nasce descompensado. Fazer esse tipo de mudança sem mudar o calendário e sem instigar divisões igualitárias de dinheiro entre ligas criará abismos ainda maiores que os já encontrados, em tempos de hegemonias cada vez mais frequentes nas competições domésticas.

Uma reportagem do *New York Times* mostrou o quanto o dinheiro da Liga dos Campeões contribuiu para a criação de hegemonias em campeonatos periféricos ao redor da Europa. Tomou por base o modesto Bate Borisov, que enfileira títulos seguidos em Belarus.

Funciona desta maneira, como um efeito dominó: os clubes ganham títulos domésticos, participam da Champions, ganham o dinheiro da competição, pagam novas contratações e salários fora da realidade local e que não podem ser igualados por outros clubes com menos cacife. Ganham.

Se considerarmos que a nova realidade atenda aos parâmetros financeiros da Champions neste novo Mundial, imagine então o efeito que isso trará a um campeão africano que participa do torneio da Fifa e pretende dominar seu país. Por exemplo, o Mazembe, que venceu seis dos oito últimos campeonatos locais na República Democrática do Congo, além do título continental em 2010 e em 2015.

Se essas premiações (ainda que de menor expressão) geram uma disparidade financeira e alteram o cosmo dos campeonatos da região, imagine então como seria o cenário com premiações ainda mais expressivas. Situações como essa podem ainda interferir nas disputas dos outros continentes, transformando campeonatos mais disputados em mera formalidade para os mesmos times de sempre.

O duelo mais esperado é sempre um baile

Por fim, nas condições impostas pelo novo formato do campeonato, aumentam as chances de termos confrontos como Santos e Barcelona, em que o europeu nocauteia o adversário sob as cordas. O Grêmio e Real Madrid de 2017, assim sendo, foi um ponto fora na curva do que consideramos como placar normal entre equipes tão díspares.

Mesmo em uma disputa equilibrada, como a final entre Real Madrid e Kashima Antlers em 2016 — suada vitória dos madridistas —, o resumo da ópera é a máxima que se aplica ao México: “jogou como nunca e perdeu como sempre”. Vale ressaltar que qualquer oponente que complique minimamente a vida do europeu é exceção. A regra é uma surra sem resposta. Por isso é justo exaltar tanto a vitória do Corinthians sobre o Chelsea em 2012, naquele que tem tudo para ser um dos últimos triunfos de um sul-americano contra um representante da Europa.

Na última Copa do Mundo já tivemos quatro semifinalistas europeus, algo bem previsível e com quase todas as seleções africanas e asiáticas sendo eliminadas na primeira fase, por que seria diferente num Mundial de Clubes? A megalomania da Fifa de querer lucros maiores do que os esportes americanos (que ganham caminhões de dinheiro por meios que o futebol despreza) acaba envenenando os dirigentes de clubes e federações, que se utilizam de iniciativas esdrúxulas como a da Copa do Mundo de Clubes para tentar uma nova maneira de obter ganhos. Ao fim do dia, estão criando uma cadeia predatória ainda maior para o futebol mundial.

É necessário resolver os problemas da competitividade do Mundial de Clubes. Mas, certamente, essa maneira encontrada pela Fifa não é a ideal. A suposta democratização serve apenas para incentivar um verdadeiro canibalismo desportivo, nada mais que isso. ■

Nos últimos 20 anos, a Trivela se tornou referência em futebol, indo além do campo e trazendo informação, história e contexto.

Queremos fazer mais nos próximos 20 anos e, para isso, contamos com o nosso principal foco: os leitores.

Faça parte do financiamento coletivo da Trivela e contribua com jornalismo independente de qualidade.

Apoie-nos no Padrim!

www.padrim.com.br/trivela





A TRAIÇÃO DA MEMÓRIA

Waldo foi o maior artilheiro da história do Flu e fez história no Valencia, mas morreu sem lembrar quem foi em seus grandes momentos

ESPANHA | POR FELIPE PORTES

É uma máquina. E como qualquer outro mecanismo similar, está sujeita a defeitos ou à deterioração como efeito do tempo. A máquina é que cuida de tudo, é a que armazena e que coloca o resto do organismo em pleno funcionamento. Não há uma medida exata que determine quando é que os circuitos e composições extremamente complexas vão parar de funcionar. Uns duram mais que os outros. Alguns nem completam o ciclo que consideramos de vida útil. Mas o que é vida útil afinal?

A memória é, a grosso modo, o registro de tudo que fizemos, bem ou mal. É uma espécie de livro interno que ajuda a explicar quem fomos, quem somos e quem seremos. E infelizmente ela tem formas, digamos, injustas de manifestar quando não está em plena forma. Isso se detecta quando os fatos parecem mais embaralhados do que antes, a cronologia não se encaixa, ou, no limite, a vida se perde em fragmentos, condenando dias ou meses ao completo esquecimento.

Lapsos não são a única maneira encontrada pelo cérebro para trair um ser humano. Em raros casos, ainda estudados com afinco por cientistas, há um apagão. Um breu que torna a vida, até certo ponto, um buraco negro, sugando tudo o que um dia foi construído, justamente no único lugar em que esses feitos serviriam como motivo de orgulho.

De São Gonçalo a Valência

Waldo Machado da Silva, nascido em São Gonçalo no ano de 1934, foi, com certa folga, o maior artilheiro que o Fluminense teve em sua história, entre os anos de 1954 e 61. Autor de 319 gols em 403 jogos, deixou uma marca fantástica e sem precedentes no Tricolor das Laranjeiras.

Entretanto, o fato de ter deixado o país em uma época particularmente gloriosa para o futebol brasileiro, tornou os feitos do atacante em uma grande nebulosa, ao menos para quem não conhece a fundo a história do esporte carioca. Campeão do Rio-São Paulo em 1957 e 60 e do Estadual em 1959,

foi tentar a sorte na Europa em uma época de preservação dos nossos grandes craques nas principais potências nacionais. Até nisso ele foi um dos pioneiros.

O mesmo Waldo, um notável goleador, fez carreira no Valencia e entregou seus melhores anos ao clube espanhol. Ídolo dos *Che*, deixou a equipe em 1969 e atuou por mais dois anos pelo Hércules, equipe hispânica de menor expressão. E a identificação com a cultura valenciana foi tamanha que o sãogonçalense preferiu se converter em cidadão daquelas terras. Viveu da aposentadoria até a sua morte na cidade que o escolheu, por quase cinco décadas.

Pode-se, naturalmente, falar em como ele foi ostracizado por fazer parte de uma geração bicampeã mundial com o Brasil. Somando apenas cinco convocações, ficou de fora da história do fantástico grupo que tirou o país da irrelevância esportiva e alçou a dupla Pelé e Garrincha à eternidade. Muitos contemporâneos afirmam que Waldo não teria decepcionado se jogasse aquelas duas Copas do Mundo em 1958 e 62. Mas ele jamais teve a chance de provar que eles estavam certos.

Assim como Evaristo de Macedo, que tinha talento de sobra para ser convocado, aquela lembrança na lista final nunca veio. Evaristo, registre-se, tinha 14 partidas pela Canarinho e não pôde disputar o Mundial de 1958 diante da recusa do Barcelona a liberá-lo. Nunca mais teve outra oportunidade.

Waldo só estreou pelo Brasil em 1960, e deixou dois gols contra o Chile, em junho daquele ano. Não foi o suficiente para garantir a sua permanência entre as feras escolhidas por Aymoré Moreira, que assumiu a seleção em 1961 e não teve em Waldo um de seus nomes favoritos para o grupo que viajou para o Chile em 1962. Mesmo sem Pelé, lesionado, o Brasil voltou com o bicampeonato.

O histórico do artilheiro pelo Brasil é curto, mas glorioso: com ele, veio o título da Taça do Atlântico de 1960, após três jogos



frente Paraguai, Uruguai e Argentina. O formato do torneio, um quadrangular de apenas um turno, teve aparições de Waldo contra paraguaios e argentinos. O Brasil venceu em ambas, por 2 a 1 e 5 a 1, respectivamente. Os uruguaios derrotaram os brasileiros na segunda rodada, mas não acumularam saldo suficiente para serem campeões.

Fazendo história

Apesar da decepção com a sua carreira internacional, Waldo não parou de fazer gols. Foi, até 2006, o segundo maior artilheiro do Valencia, apenas atrás de Edmundo Suárez, o Mundo. Os 160 gols não tiveram só importância numérica, mas representaram a grande força por trás do sucesso continental do clube. A equipe alvinegra levantou, de maneira consecutiva, dois títulos da Taça das Cidades com Feiras, predecessora da Copa Uefa, entre 1962 e 63.

Na primeira campanha, o Valencia derrotou o Barcelona de Evaristo e do húngaro Sandor Kócsis, uma potência que fazia frente ao poderoso Real Madrid que dominou a Europa nos anos 1950 e 60. E o placar foi bem expressivo: 6 a 2 na ida e 1 a 1 na volta. Apesar de estar em campo e não ter marcado em nenhum dos jogos da final, Waldo terminou o torneio com nove gols. Um feito gigante.

Em 1963, os valencianos repetiram a dose e peitaram outras equipes tradicionais no caminho até a última partida. Desta vez, o rival em busca da taça foi o Dinamo Zagreb. Waldo marcou uma vez no 2 a 1 em solo croata.

Na volta, Maño e Núñez marcaram para garantir mais um caneco continental ao Valencia, que só tornou a conquistar a Europa em 1980, na Recopa, com Mario Kempes sendo o destaque absoluto e o lendário Alfredo Di Stéfano o treinador.

Mais tarde, na final Copa do Rei (à época denominada Copa del Generalísimo), em 1967, levou às costas a habitual camisa 9 na vitória ante o Athletic Bilbao, por 2 a 1, gols do paraguaio Vicente Jara e de Paquito. No 13º ano de sua carreira, Waldo levantou seu último troféu.

Se a passagem pelo Hércules não deixou saudade e serviu apenas como transição para a sua segunda vida, agora como pacato morador da região de Valência, as escassas visitas ao Brasil e a falta de apelo junto à memória do torcedor brasileiro renegaram o ex-centroavante a um status de exilado. Pouco se falou dele que, naturalmente, pela proximidade, ficou muito mais identificado com os torcedores do Valencia ou daqueles que o viram em campo.

Segundo matéria do *GloboEsporte.com*, a última visita de Waldo ao Brasil foi em 2012, quando retornou ao Rio de Janeiro para o lançamento de sua biografia, assinada por Valterson Botelho. Em seus últimos anos, o craque do passado estava recluso, vivendo em uma clínica de Valência. Sofria do Mal de

Alzheimer. O acompanhamento constante de enfermeiros e os contatos com a família não puderam aplacar o esquecimento a que Waldo foi submetido.

A trágica rotina de viver sem saber quem foi nos anos 1950 e 60 escreveu um último e triste capítulo na trajetória do atacante. Ele passou algum tempo alheio ao fato de que era a maior referência em gols no Flu, bem como sua fantástica passagem pelo Valencia. Esqueceu-se também dos familiares e de todo o mundo que o cercava. O avanço foi brutal. De repente, por conta da doença, Waldo se transformou num homem sem passado e, cruelmente, sem presente. Uma associação de ex-jogadores do Valencia, liderada pelo ex-meia Fernando Giner, seguia acompanhando o brasileiro no fim de sua vida. Mas não havia muito o que fazer se não mostrar fotos, livros e outros recortes que contavam o pedaço da memória que Waldo já não podia mais encontrar sozinho.

Muitos jogadores, independente da idade, sonham em ser lembrados pelo público, em marcar gols importantes, e deixar um legado por onde passam. Como a idolatria é restrita a quem faz por merecer, dentro de campo, existe um seleto grupo de seres humanos que podem ser reconhecidos na rua por façanhas de outrora.

E a roda segue girando, renovando faces e nomes com os ídolos de ontem, agora e amanhã. Waldo morreu em fevereiro de 2019, no lugar em que provavelmente foi mais feliz e valorizado. Mas sem ter a consciência de quanto ele era caro à comunidade que o acolheu no resto de sua história após o esporte. É tudo uma questão de direito.

Waldo teve o privilégio de ser grande para torcidas como as de Fluminense e Valencia. Só não partiu sabendo qual foi sua contribuição. A memória trai, engana, e neste caso específico, oculta. Uma prova de como a nossa humanidade é frágil, sobretudo quando a lembrança é o último lugar seguro no universo. ■



SOLIDÃO SEM PÁTRIA

A Guerra das Malvinas tornou a Inglaterra um lugar inóspito para os argentinos, mesmo que eles fossem ídolos do esporte

INGLATERRA | POR WLADIMIR DIAS

A sorte de ser um filho bem querido de uma nação e, ainda assim, ser adotado por outra, não é algo que se veja no dia a dia. Foi o que aconteceu quando Ricardo Villa e Osvaldo Ardiles, campeões mundiais de 1978 com a Seleção Argentina, que foram vendidos ao Tottenham. Naquela altura, Ricky e Ossie eram ídolos nacionais e partiam para uma aventura rumo ao desconhecido, já que a presença de estrangeiros no futebol britânico era um fenômeno pouco verificado àquela época.

Em um contexto em que o jogo praticado no país era mais direto — baseado em lançamentos longos e virtudes físicas — Ardiles e Villa carregaram consigo diferenciais que logo apaixonaram o amante local do esporte. Apesar de terem passado por um período de adaptação, tanto à vida, quanto à barreira idiomática, quanto ao futebol, os argentinos tiveram vida longa nos Spurs.

É certo que a presença de um na vida do outro os ajudou muito. Embora nunca tivessem atuado juntos por clubes, em 78, os meio-campistas haviam sido companheiros de quarto durante a Copa do Mundo e se conheciam bem.

Ossie e Ricky levaram as principais virtudes do futebol argentino à Inglaterra. Ardiles representava a técnica sul-americana, a destreza para passar pelos adversários e a lucidez para passar a bola. Villa, por sua vez, além de suas qualidades técnicas era todo coração, um verdadeiro leão. A dupla também deu sorte: encontrou no Tottenham um jogador perfeito para complementar seu jogo, o talentosíssimo Glenn Hoddle.

Idolatria

Os *hermanos* tinham uma incumbência clara: devolver os Spurs às posições mais altas das competições disputadas. A contratação da dupla se deu em um momento de expectativas para o clube londrino, que acabara de retornar da segunda divisão e precisava se restabelecer na elite. Sob a liderança do treinador Keith Burkinshaw desde 1976, o estádio White Hart Lane vivia um ambiente de apreensão, mas o comandante

estava certo de que o que vira no Mundial era exatamente o que a equipe precisava. E não se equivocou.

Após duas temporadas de reafirmação, terminando o Campeonato Inglês em 11º e 14º lugares, o time voltou ao pódio em 1981. Com protagonismo argentino. Naquele ano, o Tottenham alcançou as finais da FA Cup, depois de passar por Queens Park Rangers, Hull City, Coventry City, Exeter City e Wolverhampton. Contudo, quando chegou a hora de enfrentar o Manchester City, em Wembley, o time foi mal.

Villa acabou substituído na metade da etapa final e apenas um gol contra, em lance fortuito (cobrança de falta de Hoddle que desviou em Tommy Hutchinson), garantiu que houvesse um segundo jogo. As dificuldades, entretanto, extraíram o que havia de melhor no seio do plantel londrino. Em especial, mexeu com Ricky. No replay, Ardiles chutou, Steve Archibald desviou, o goleiro mancomuniano deu rebote e Villa abriu o placar.

O City chegou a virar, com tentos de Steve MacKenzie e Kevin Reeves. Então, Ricky passou a bola a Hoddle que deu um balãozinho para Archibald, que estava na área. Apesar das dificuldades do escocês para matar a bola, seu companheiro de ataque, Garth Crooks, apareceu como um foguete, finalizou e empatou.

Por fim, Villa recebeu bola de Tony Galvin e, agindo como um autêntico craque argentino, saiu driblando adversários até invadir a área rival e conferir números finais à partida: 3 a 2. Ossie, seu grande amigo, não tem dúvidas ao afirmar: aquela foi a grande noite de Villa.

Não obstante o poder de decisão de Ricky, quem mais brilhara até ali era mesmo Ossie, ao ponto de ter sido gravada uma música em sua homenagem, às vésperas da final. *Ossie's Dream* evidenciava a carinhosa relação que havia se estabelecido entre os argentinos e a Inglaterra. Essas boas relações estavam prestes a sofrer severo abalo.



Pausa para o ódio total

O sucesso prosseguiu. No ano seguinte, os Spurs voltaram ao palco mais famoso da Inglaterra. A despeito disso, foram obrigados a lidar com um problema que não só lhes dizia respeito: significava uma ruptura entre Argentina e Grã-Bretanha, que vinham tentando se entender desde 1979, sem sucesso. “O país em que nasci estava em guerra com o país que me adotou. Era como se dois de meus irmãos estivessem brigando”, relatou Ardiles ao documentário *White, Blue and White*.

A Guerra das Malvinas eclodiu no dia 2 de abril, na véspera da semifinal da FA Cup de 1981-82. O ditador argentino Leopoldo Galtieri, em um movimento desesperado, tentando salvar seu regime, econômica e politicamente falido, decidiu enviar tropas às Ilhas Malvinas, ocupadas pelos britânicos desde o final do século XIX. Esperava, dessa forma, unir o país em torno de uma causa nacionalista. Ardiles entrou em campo no dia 3, na partida contra o Leicester City, e foi recebido por vaias duras e constantes. Ricky ficou fora desse jogo. A paixão nacional

pelo talento dos sul-americanos havia acabado — apenas a torcida do Tottenham, em sua maioria, permaneceu apoiando os jogadores, afinal eram ídolos.

Após a semifinal, Ardiles retornou à Argentina em atenção à preparação para a Copa do Mundo que seria sediada na Espanha — Villa não foi chamado dessa vez. Na Inglaterra, porém, a repercussão foi a pior possível.

O discurso de que Ossie havia escolhido seu lado se propagou. E o mais insólito foi que, de repente, ele também não era mais bem quisto em seu país natal: era visto como traidor. Subitamente, o homem de duas pátrias se viu sem lar. Sem lar e sem seu primo, José, piloto que desapareceu durante o conflito e mais tarde teve a morte confirmada. Para piorar, a participação da Albiceleste no Mundial foi um desastre, com a antiga campeã terminando em 12º lugar.

Para Villa, a repercussão do conflito foi duríssima, claro. Entretanto, o fato de ter permanecido em solo inglês e o foco em Ardiles diminuíram um pouco as implicações para ele. Mesmo assim, o atleta, em acordo com o Tottenham, decidiu que seria mais prudente não disputar aquela final da FA Cup. Sem seus argentinos, os Spurs conquistaram o bicampeonato, batendo o Queens Park Rangers no replay: 1 a 0, gol de Hoddle.

Perdido em pensamentos, sem chão e sem casa, Ardiles se viu sozinho no mundo. A guerra acabou em 14 de junho daquele mesmo 1982, com uma derrota humilhante para os argentinos, que sequer tinham noção do que acontecia, já que o forte controle à imprensa, imposto pelos militares, consolidava a crença de que a vitória sul-americana era iminente. Na verdade, era o contrário que acontecia.

Sem clima, mas com tempo para renascer

Ossie decidiu conversar com a direção do Tottenham e pediu uma transferência. Os comandantes dos Spurs concordaram em parte, emprestando-o ao Paris Saint-Germain. Na capital

francesa, o inferno de Ardiles não acabou. Segundo o próprio, foi lá que viveu seu pior momento futebolístico. Entretanto, o período serviu para esfriar os ânimos. Ele retornou a White Hart Lane ainda durante a temporada 1982-83.

Na volta, viu Ricky partir para os EUA, mas teve tempo para deixar mais uma marca indelével na história do Tottenham, reafirmando sua condição de ídolo.

Em 1983-84, já não gozava da condição de titular absoluto da equipe, mas participou da campanha que levou o time londrino ao seu segundo título da Copa da UEFA, saindo do banco no jogo decisivo e participando da jogada do gol que levou a partida para os pênaltis.

Na ocasião, dentro da pequena área, Ossie acertou o travessão, viu a defesa do Anderlecht afastar a bola, que voltou aos pés ingleses. Logo, foi levantada outra vez na área belga e, com sorte encontrou o fundo do barbante, por obra do zagueiro Graham Roberts.

Ardiles permaneceu nos quadros do Tottenham até 1988 e voltou em 1993, como treinador. Em 2008, juntou-se a Ricky e retornou outra vez a Londres, onde receberam merecido lugar no Hall da Fama do clube.

O peso dos tempos da Guerra das Malvinas passou, mas a memória não se apaga. Ossie e Ricky recuperaram a condição de cidadãos de duas pátrias, porém as marcas daqueles tempos nunca os abandonaram.

O que teria sido de suas trajetórias no clube sem a guerra? Como teria sido a vida pessoal de Ardiles sem a dor da perda de seu primo?

Os questionamentos existem, mas servem apenas para reafirmar a força dos atletas, que superaram uma das piores solidões pela qual pode passar um ser humano. ■



O INFERNO DE QUAGLIARELLA

Atormentado por um perseguidor em passagem pelo Napoli, atacante não rendeu o esperado no seu clube do coração

ITÁLIA | POR ANDERSON MOURA

Quem vê o veterano Fabio Quagliarella brigando pela Artilharia da Serie A italiana, cabeça a cabeça com o astro Cristiano Ronaldo e a sensação da temporada, o polonês Krzysztof Piatek, não imagina os percalços que ele teve que encarar para voltar a sorrir.

A alegria de igualar o recorde de Gabriel Batistuta, de jogador a marcar gols por mais rodadas seguidas da liga (11), contrasta com o drama vivido pelo atacante em um passado recente. A vida de Fabio virou um inferno por conta de um crime tão cruel quanto covarde, que tem ficado cada vez mais comum conforme as pessoas passam a viver mais no mundo virtual: o *stalking*.

Tudo começou no natal de 2006, quando Fabio aproveitou a pausa de natal para visitar os familiares em Castellammare di Stabia, cidadezinha ensolarada que fica na região metropolitana de Nápoles. Na época, o jogador vivia então sua primeira passagem pela Sampdoria e suas boas atuações o levariam a ser convocado para a seleção nacional dois meses depois. O país acabara de vencer a Copa do Mundo da Alemanha, mas era preciso renovar e Fabio era um dos destaques da safra que vinha a seguir. O clima era de alegria, exceto por um pequeno problema que o atacante confidenciou a um amigo de infância: alguém havia hackeado seu computador pessoal.

Para sua sorte, o amigo acabara de passar por uma situação parecida e tinha então uma solução rápida: um conhecido que trabalhava na polícia local e que fazia parte justamente do departamento de fraudes postais e crimes cibernéticos. Sendo assim, o goleador foi apresentado ao policial e recebeu ajuda com esse pequeno contratempo. Para retribuir o favor, presenteou-o com diversos itens autografados e a situação parecia resolvida. Mas infelizmente o calvário nem havia começado.

Chegamos a 2009. Após um biênio muito proveitoso na Udinese, clube em que formou dupla de ataque com o ótimo Antonio Di Natale, Quagliarella recebia o chamado que vinha

aguardando por toda a sua vida: o Napoli, seu time de infância, queria contar com ele. Para quem cresceu assistindo aos shows de mágica estrelados por Diego Maradona no estádio San Paolo, poder vestir a mesma camisa celeste que o 'Dios' era o ápice. Já no segundo jogo pelo time do coração, o atacante marcou dois gols contra o Livorno e a torcida, que já o tinha em boa conta, porque sabia que o atacante era um torcedor como eles em campo, entregou-se de vez a essa paixão pelo jogador.

Mas alguém não estava feliz com tudo isso. Já na Udinese, o atacante começou a receber mensagens eletrônicas em tom de ameaça, mas não deu muita atenção porque achou que se tratava de algum torcedor enfurecido com seus gols. O problema é que sua chegada ao Napoli fez com que a frequência das mensagens aumentasse bastante.

Mais uma vez, a ajuda do amigo policial se fez necessária, mas, novamente, a sensação de segurança foi fugaz. Ao trocar o seu número de telefone, Fabio parou de receber mensagens de celular, mas começou a ser alvo de cartas, que em um primeiro momento chegavam à casa de seus pais.

As acusações contidas nas cartas eram as mais variadas possíveis. Segundo elas, o atacante supostamente faria parte de um grupo de atletas que manipulava os resultados dos jogos por conta de apostas. Depois, Quagliarella foi acusado de manter relações próximas com a Camorra (organização criminosa da Sicília), posteriormente foi apontado como integrante de um esquema de tráfico de drogas (inclusive sendo usuário) e chegou ao ponto de ser acusado até mesmo de fazer parte de uma rede de pedofilia. Estas, segundo ele, eram as piores cartas, porque continham fotos de crianças nuas, que seriam as supostas vítimas de Fabio.

Os pais do atacante começaram então a não comunicar ao filho o recebimento das cartas, para que o atleta não perdesse o foco em sua carreira, mas o criminoso era insistente e passou então a mandar mensagens também para os números do pai



do jogador. Fotomontagens do jogador dentro de um caixão, ameaças de que Fabio seria alvejado nas pernas para que nunca mais pudesse jogar e mensagens que davam a entender que o *stalker* sabia exatamente onde o artilheiro se encontrava quando saía com os amigos. Como Giulio De Riso, o amigo de infância, também seguia recebendo ameaças, todos chegaram à conclusão de que o malfeitor era um amigo próximo aos dois, haja vista que possuía também o contato do pai de Quagliarella.

Diante de tudo isso, é óbvio que cedo ou tarde o desempenho do jogador iria despencar. Como ter foco nos treinamentos quando se desconfiava até mesmo dos companheiros de time? Como ter tranquilidade para jogar em casa sabendo que seu agressor pode estar nas arquibancadas? Como ter tranquilidade para viajar com a equipe para os compromissos fora de casa e deixar seus pais e outros familiares desacompanhados e vulneráveis?

O presidente do clube, Aurelio De Laurentiis, fez uma sugestão que deixou Fabio sem saber o que pensar. O cartola sugeriu que o atacante se mudasse para algum lugar mais próximo ao estádio para “a vida dele ficar um pouco mais calma” e para que

ele “pudesse focar apenas no futebol”. O atacante não sabia se os rumores já tinham chegado aos ouvidos do dirigente ou se a sugestão era apenas uma demonstração de cuidado com um atleta que não vinha jogando o que dele se espera. E caso De Laurentiis soubesse de algo, Fabio, por mais que quisesse, não poderia conversar com ele sobre o assunto, pois a recomendação da polícia era de que ninguém além da família fosse envolvido. A relação entre jogador e cartola estava estremecida e, em agosto de 2010, o criminoso conseguiu uma grande vitória em sua empreitada para destruir a imagem do atleta em sua cidade: o Napoli aceitou emprestar o centroavante. E não foi para qualquer time. O destino seria a maior rival: a inimiga histórica Juventus.

Um ano após a aclamação popular em sua chegada, Fabio deixava o clube azul sendo chamado de Judas. Um mercenário que havia se vendido para o rico time do norte do país. O time que representa tudo o que os sulistas mais odeiam. Mas Fabio não poderia rebater as acusações e explicar o que o havia levado a aceitar aquela negociação. Se o criminoso fosse exposto, sabe-se lá o que poderia tentar contra sua família.

Mas se Fabio tinha uma ingênua percepção de que as coisas melhorariam após sua saída da cidade, as esperanças foram por água abaixo quando o policial encarregado por resolver seu caso, Raffaele Piccolo, revelou que ele próprio havia começado a receber ameaças. Um balde de água fria acertava o atacante em cheio. A quem recorrer quando seu suporte passara também a ser um alvo? Porém, em um encontro com o oficial, o pai de Quagliarella pediu para que o policial mostrasse as mensagens que havia recebido e Raffaele disse que havia apagado os textos. Foi então que o senhor Vittorio pensou: “por que um policial apagaria evidências ao invés de rastreá-las?” E a desconfiança ganhou ainda mais força logo depois.

Fabio saiu para um passeio de barco com dois amigos. O já citado Giulio De Riso, também alvo de ameaças, e o advogado Giovanni Barile. O trio voltou atrasado do passeio, deixando o

pai do goleador furioso. Vittorio disse: “você fica dançando em um barco, para todo mundo ver, depois não reclame quando receber cartas com ameaças por ficar se expondo”. Barile perguntou que tipo de ameaças Fabio vinha recebendo e o atacante contou tudo. O amigo hesitou e, sem mistério, disse: “acho que sei quem está fazendo isso com você”.

Giovanni Barile trabalhava com a esposa do policial Raffaele Piccolo, Simona de Simone. E quando os dois viviam uma crise conjugal, a empresa começou a receber cartas que difamavam o caráter de Simona. Conforme Giovanni começou a se envolver no caso, para tentar ajudar sua colega de trabalho, passou também a receber ameaças, que inclusive levaram ao fim de seu casamento, já que sua esposa não aguentou receber cartas que acusavam o advogado de ser um pedófilo.

Previendo que sua identidade estava próxima de ser desmascarada, o policial Piccolo tentou uma última cartada avisando ao advogado (que tinha pretensões políticas na época) que o prefeito da cidade havia recebido um email que acusava Barile de fazer parte de um esquema com a máfia. Mas o tiro saiu pela culatra, pois sabendo que era inocente, Giovanni tomou a iniciativa e falou diretamente com o prefeito, e este o assegurou que seu nome não estava entre os investigados.

Surgiu a última peça que faltava para fechar o quebra-cabeça. O outro amigo do atacante, Giulio De Riso, foi intimado a comparecer na delegacia da cidade porque seu nome estava entre os suspeitos de fazer negócios com a máfia. Quando Giulio chegou ao local, o chefe de polícia o informou que ele estava sendo alvo de uma investigação nos últimos três meses, mas que nada havia sido encontrado.

Posteriormente, Giulio explicou que eram ameaças recebidas de maneira anônima, mas que o policial Piccolo estava lhe ajudando há meses. Só que isso pegou o chefe de polícia de surpresa, já que no sistema não havia qualquer registro das ocorrências em que Piccolo supostamente teria ajudado De



*Fabio retomou o caminho dos
gols pela Sampdoria
(Divulgação / Sampdoria)*

Riso e também Quagliarella. Nenhuma investigação havia sido iniciada para se achar um possível stalker. Foi aí que o chefe de polícia, Alberto Berrino, começou uma investigação interna e concluiu que o culpado era seu colega de polícia, por dois motivos. O primeiro foi a constatação de que Raffaele havia feito o download de todos os contatos de Giulio De Riso e de Fabio Quagliarella para seu computador de trabalho quando levou os telefones celulares de ambos com a alegação de que iria fazer uma varredura nos aparelhos.

E o segundo indício foi ao visitar a página do Facebook de Piccolo. Em suas postagens pessoais, o policial por vezes não aplicava um espaço após a vírgula, mais ou menos assim como acabei de fazer neste texto. E este era um fato em comum nas mensagens recebidas pelas vítimas. A investigação ainda durou mais três meses porque era preciso juntar provas, mas uma vez que a polícia conseguiu comprovar que Raffaele Piccolo sempre estava próximo de um telefone público que mandava mensagens às vítimas, rastreando o próprio telefone pessoal do agente, a casa caiu para o policial bandido.

O Departamento de Polícia conseguiu um mandado de busca para adentrar a residência de Raffaele e encontrou provas que o incriminavam em muitos outros casos. Finalmente, em 17 de fevereiro de 2017, Piccolo foi declarado culpado por calúnia

e perseguição, recebendo pena de quatro anos e oito meses em regime fechado, além de estar impossibilitado de exercer qualquer cargo público por cinco anos após a soltura.

Passados tantos anos sendo tratado como traidor, Quagliarella hoje recebe inúmeros pedidos de desculpas toda vez que vai a Nápoles. A torcida local até criou uma música em que diz “Agora realmente sabemos por que você foi para a Juventus. Querido Fabio, por favor nos desculpe, campeão”. E há também uma faixa que é colocada nas arquibancadas do estádio, que diz o seguinte: “No inferno que você viveu, enorme dignidade. Te abraçaremos novamente, Fabio, filho desta cidade”.

Apesar de ser uma pessoa introvertida e reservada, o atacante faz questão de falar sobre o episódio pois acredita que o stalking ainda é um crime que precisa ser mais abordado, para que as pessoas entendam do que se trata, a sua gravidade, e também para que as autoridades possam agir de forma mais assertiva. E por falar em ações tomadas pelas autoridades... Rafaelle Piccolo está nas ruas porque, para a legislação italiana, dependendo da gravidade do crime, um réu pode esperar a segunda e a terceira instância de julgamento em liberdade, algo que também é corriqueiro no Brasil. Mas o que mais chama atenção é que, além de estar livre, Piccolo continuou trabalhando na polícia, apenas tendo sido transferido para outro distrito. Em 25 de outubro de 2018, o recurso do policial foi negado e a condenação mantida. Resta agora apenas mais uma chance de apelação.

A julgar pelo nível que Quagliarella tem mostrado nessa temporada, marcando gols em um jogo sim e no outro também, é justo dizer que o centroavante colocou uma pedra sobre o passado, mas superar não significa esquecer. Tanto é que em uma entrevista ao site *Bleacher Report*, quando perguntado se perdoaria o stalker, Fabio se mostrou tão impiedoso como quando se encontra em uma situação de mano a mano com um goleiro adversário: “Não [o perdoaria], porque ninguém é capaz de me devolver a tranquilidade e alegria que perdi por tantos anos”. ■



O GREGO E QUENTE DERBY DA MACEDÔNIA

PAOK e Aris, clubes da região de Tessalônica, são protagonistas de um clássico quentíssimo, que não deve nada ao choque de gigantes locais

GRÉCIA | POR WLADIMIR DIAS

Contemporaneamente, Grécia e Macedônia são países fronteiriços. No entanto, durante o curso da humanidade, foram muitas vezes parte de um mesmo território, seja na Grécia Antiga, no Império Romano ou no Otomano. No entanto, após a Primeira Grande Guerra, esse último foi desmembrado e uma das consequências foi a formação da Iugoslávia, que incorporou a região onde se localiza a atual Macedônia.

Tensões e questões eslavas à parte, anos mais tarde, em 1991, após o fim da Guerra Fria, formou-se um duro impasse. Enquanto se anunciavam sangrentas guerras nos Bálcãs, a República da Macedônia declarou sua independência, formou-se estado nacional e comprou briga com a Grécia.

Os gregos nunca admitiram que a nação adjacente tivesse se automeado Macedônia. Isso porque, no norte helênico, já existia uma região com tal denominação. A opção feita, em seu ponto de vista, representaria uma ameaça permanente a localidades como Tessalônica, que poderiam acabar sendo reivindicadas pelo país contíguo, em um projeto de formação de uma suposta “Grande Macedônia”.

Ademais, ocasionou um sentimento de que os macedônios estariam usurpando parte da história grega, já que, além disso, passaram a se utilizar do nome de Alexandre Magno, O Grande, outrora nomeado Rei da Macedônia, em uma série de infraestruturas locais — dentre as quais destacava-se o aeroporto da capital, Skopje.

A disputa acabou sendo resolvida em fevereiro de 2019. Diante de um esforço de boa vontade de ambos os governos — inclusive contrariando parte de suas revoltosas populações — a Macedônia ganhou um adicional no nome: do Norte. Macedônia do Norte. As implicações desse acontecimento vão muito além de uma questão de nomenclatura, já que a Grécia vinha travando o diálogo macedônio com a OTAN e a União Europeia, que podem, agora, incorporar o antigo membro da Iugoslávia.

“Talvez seja o início de uma longa amizade entre a Grécia e a Macedônia do Norte. Não podemos mudar nosso passado, mas podemos e vamos moldar nosso futuro de amizade, parceria e cooperação”, garantiu o ministro das Relações Exteriores macedônio, Nikola Dimitrov.

Tessalônica, a irmã de Alexandre, abriga Aris e PAOK

Para o observador desatento, soa bizarro o fato de que o clássico de futebol conhecido com o Derby da Macedônia é uma disputa entre equipes gregas. No entanto, trata-se de uma rivalidade entre duas grandes equipes de Tessalônica, na multiétnica região helênica da Macedônia. Aliás, o próprio nome da cidade — a segunda maior do país, atrás apenas de Atenas — é uma alusão histórica: trata-se de uma homenagem à irmã de Alexandre, o Grande, a princesa Tessalônica.

A título de informação, o maior clássico da Macedônia do Norte é chamado de “Derby Eterno da Macedônia”, sendo disputado por Vardar e Pelister, as agremiações mais populares da referida nação. Enquanto o mundo da bola nunca vira as costas ao Derby dos Inimigos Eternos, o clássico disputado por Olympiacos e Panathinaikos, muitas vezes acaba esquecida a batalha que Aris e PAOK travam sempre que se encontram.

Este foi fundado por gregos que abandonaram Constantinopla (atual Istambul) durante a Guerra Greco-Turca (1919-1921). E as origens desse antagonismo remetem justamente a disputas sociais. Em oposição aos refugiados da mencionada guerra sempre esteve a classe média tessalônica, reduto de seguidores do Aris. Apenas dois quilômetros separam suas catedrais, os estádios Toumba, do PAOK, e Kleanthis Vikelidis, do Aris.

Rivalidades com origens em disputa de classes não são uma exclusividade grega, mas há peculiaridades que ajudam a entender o porquê de ser tão grande a tensão existente — ao ponto de as partidas serem disputadas apenas diante da torcida mandante. Os representantes do PAOK se orgulham

de serem mais numerosos e de seu retrospecto recente, que é indiscutivelmente melhor.

Do outro lado, os fãs do Aris sofrem com um problema: sempre se gabaram ao dizer que nenhum clube da região tem tantos títulos gregos quanto o seu. O problema é que, em 2018-19, o PAOK caminhou para seu terceiro título nacional (invicto) impulsionado pelas presenças dos portugueses Vieira e Sérgio Oliveira, igualando seu rival. O Aris ficou em quinto, cimentando seu lugar na primeira divisão, depois de cair para a terceira, em 2014, por conta de problemas financeiros.

Tensão vai além do futebol

Não é só o futebol que provoca tensões em Tessalônica. Tanto PAOK quanto Aris são clubes poliesportivos. Frequentemente, se encontram em disputas de basquete, vôlei... e não importa: em Tessalônica, onde há uma camisa alvinegra contraposta a outra, amarela, sempre existirá a possibilidade de haver problemas.

O dia 10 de outubro de 2009 não deixa margem para dúvidas de que este é mesmo o caso. Era um encontro entre os times sub-17 de futebol dos rivais macedônios e hooligans tomaram os holofotes para si, em brigas que terminaram com diversos feridos, dentre os quais até mesmo alguns meninos do Aris. Repita-se: era uma partida de futebol disputada pela categoria sub-17.

Em 2018, os antagonistas se enfrentaram em um jogo de futebol profissional pela primeira vez em quatro anos. Como não poderia ser diferente, a atmosfera era flamejante no estádio Kleanthis Vikelidis. Os torcedores do Aris fizeram uma festa impressionante. Porém, foram obrigados a se curvar perante a atuação do centroavante sérvio Aleksandar Prijovic, que disputou a Copa do Mundo de 2018, na Rússia. O goleador anotou dois tentos para o PAOK. A vitória foi de virada, já que o argentino Mateo García abriu o placar logo no início do jogo para os anfitriões.

Chuba Akpom, um dos destaques do PAOK na temporada 18-19 (Divulgação / PAOK)



O detalhe insólito do encontro não foi a violência, mas pelo fato de que foi preciso trazer um árbitro italiano para domar as feras rivais. Daniele Doveri, que habitualmente comanda jogos da primeira divisão do Bel Paese, foi chamado e atuou com energia. Apresentou um total de nove cartões amarelos, três para jogadores do Aris e seis para os visitantes do PAOK.

Ademais, na ocasião, a torcida da casa colocou uma série de artefatos roubados de seus rivais — bandeiras, camisas, agasalhos de torcedores do PAOK — e, durante, a partida, atearam fogo a eles. Por essas e outras, é impossível ignorar a pujança dessa rivalidade. Como se nota, é quente o Derby da Macedônia. ■

relvado



Assine a **relvado** e concorra a brindes mensais. Como assinante, você tem acesso antecipado às edições e conta com todo o acervo da revista à disposição. Planos populares a partir de R\$5.

Veja mais em:

revistarelvado.com.br/assine-a-relvado/



MINUTO 81

Foram necessários três jogos, mas Basílio acabou libertando o torcedor corintiano de seu longo calvário

GRANDES BATALHAS | POR WLADIMIR DIAS

Quase noventa mil vozes, sufocadas pela apreensão, dirigiram-se ao estádio Morumbi no dia 13 de outubro de 1977. A angústia não era irracional; justificava-se em uma espera de 23 anos, que se prolongava indefinidamente. Com o zero no marcador, a prorrogação poderia vir.

Do outro lado, estava a confiança da Ponte Preta de que, na retaguarda, Carlos, Oscar e Polozzi segurariam as investidas do Timão; e, na frente, Dicá desfilaria sua distinta técnica, auxiliado por Wanderlei e Marco Aurélio e municiando outro trio respeitável: Lúcio, Tuta e Rui Rei. E, claro: a Macaca sabia que o Corinthians não teria seu grande expoente, já que Palhinha estava machucado.

A despeito disso, se havia algum conforto para o desconfiado e sofrido adepto corintiano, ele talvez tivesse um nome veterano e vitorioso. Oswaldo Brandão havia retornado ao Parque São Jorge — justamente o homem responsável por levar o clube paulista ao seu último título estadual, em 1954. Na hora H, seria justamente ele, já um senhor de 61 anos e com mais de 20 dedicados à função, que tomaria os holofotes. Amigo íntimo da vitória, estava disposto a fazer o necessário. Antes da decisão, teria dado uma palestra emocionante: “O pai é demais. Eu sou cabeça fresca, não esquento muito, mas confesso que balancei um pouco depois daquela derrota no domingo. Mas olha, o receio só durou até a gente chegar no clube e ouvir o pai falar sobre força de vontade, sobre seriedade, sobre humildade, essas coisas todas”, relatou o ponta esquerda Romeu à Revista Placar.

Aquela final só chegou a ter um terceiro jogo porque, antes, o Corinthians havia vencido o primeiro encontro, 1 a 0 anotado por Palhinha, e perdido para a Macaca, 2 a 1, com gols de Dicá e Rui Rei para os campineiros e de Vaguinho para os paulistanos. Tudo ali tinha um ar dramático. Se o citado gol de Palhinha foi de cara, depois da finalização do jogador resvalar em Carlos e voltar em sua direção; o de Vaguinho só aconteceu porque Palhinha se lesionou, dando lugar ao ponta direita.

A batalha estava empatada e equilibrada. Os nervos não poderiam estar mais à flor da pele, como ficou claro logo aos 16 minutos. O maior responsável pelos gols pontepretanos, Rui Rei, discutiu com o árbitro Dulcídio Wanderley Boschillia, cobrando uma falta, e foi logo para o chuveiro. Tal fato aumentou a aflição que o campo transparecia e que, no dia seguinte, a Folha de São Paulo atestaria: “um jogo tumultuado e nervoso”.

O bombardeio corintiano dava a exata medida da urgência da vitória. Nos primeiros 10 minutos de jogo, os paulistanos já haviam finalizado cinco vezes — uma delas na trave, em crime cometido por Luciano, o substituto de Palhinha. Porém, com o tempo, os ânimos se arrefeceram e a Ponte controlou seus nervos. Antes do final da primeira etapa, Geraldão teve uma grande chance, mas nada de a bola balançar as redes, mesmo porque quem fazia grande jogo era Carlos, o milagreiro guardião da meta campineira.

A etapa derradeira correu em semelhantes termos: com pressão do Timão, que, sagazmente, atacava com tudo o lateral esquerdo pontepretano, Ângelo, que havia sido o escolhido substituto para a infeliz missão de substituir Odirlei, uma das maiores armas da equipe de Campinas, que estava suspenso. Diante de um constante abafa, seria muito difícil que a distinta retaguarda da Macaca não falhasse em algum momento.

Eram decorridos os 36 minutos do segundo tempo, 81 na soma das duas partes, quando o massacrado Ângelo tocou a mão na bola, permitindo uma falta próxima da área da Ponte. Zé Maria, o lateral direito da companhia de Brandão, levantou a bola e Romeu chutou. Parou em Carlos. Depois, no travessão, em um bate-rebate que deve ter durado uma eternidade aos olhos do torcedor. Então, o “uhh” virou “ahhhhh” e a tensão se converteu em êxtase. Basílio chutou com toda a força e a bola, enfim, entrou.

De posse da vantagem, jogar já não era necessário. Geraldo e Oscar se engalfinharam e também foram apresentados à

porta de saída mais cedo. “Era preciso ganhar o jogo ali mesmo, truncar a partida, esfriar o adversário ou enervá-lo de uma vez por todas. Era preciso melar o jogo, catimbar, deixar o tempo correr com a bola parada [...] e foi exatamente nesse momento, resumindo o que foram todos esses meses de trabalho, que apareceu o dedo e a ordem de um gênio. Do banco de reservas, sentado, gritando, gesticulando, ameaçando, ou de dentro do campo, como um velho mestre-escola [...] O importante era acabar tudo”.

Foi assim que *Placar* contou o que foram os minutos que se sucederam ao tento de Basílio. Ele, que era um dos exemplos vivos do que o jornalista Tavares de Miranda, são-paulino, chamou de “time sem vedetes, exemplo de união”.

Claro, a arbitragem foi questionada. Embora esteja fora de questão o destempero com que Rui Rei enfrentou a decisão. O treinador da Ponte, José Duarte, não deixou de manifestar desagrado na saída para os vestiários, após o primeiro tempo: “Não posso comentar esse fato. Talvez o Rui tenha merecido. O que eu acho é que o árbitro não está sendo imparcial. A arbitragem do nosso amigo Dulcídio vai mal [...] Neste final de primeiro tempo, inverteu tudo”. Vale dizer que, pouco tempo depois, Rui Rei deixou a Ponte Preta. Qual foi o destino? O Corinthians. O movimento nunca foi devidamente digerido, sempre tendo ficado no ar a possibilidade de a expulsão ter sido provocada, o que o atacante sempre respondeu: “Quem seria burro de comprar um jogador desonesto?”.

A única certeza que se tira da final daquele Campeonato Paulista de 1977 é ter sido inesquecível. Por uma série de motivos. O primeiro deles, como não poderia ser diferente, era a qualidade dos dois times e a entrega irrepreensível em busca de uma vitória glorificadora. Mas há outros, como a arbitragem, que se fez coadjuvante de destaque, ou o drama, que tirou Odirlei e Palhinha da final. Por certo, a presença de Oswaldo Brandão. E, claro, a espera de 23 anos, que não mais pôde ser qualificada como interminável pela massa alvinegra. ■



ENTREVISTA COM PALHINHA

Ex-craque de Cruzeiro, Corinthians e Atlético Mineiro, atacante conta parte de sua história à Relvado

POR WLADIMIR DIAS / FOTOS: PAULO SINISTERRA

Não são muitos, mas há jogadores que chegam a representar clubes rivais e são respeitados, senão admirados, por ambos. Via de regra, são pessoas que se entregam de corpo e alma ao jogo e que, se preciso for, suam até sangue para defender uma camisa. Palhinha era um desses.

Ele que foi cria e craque do Cruzeiro, ídolo do Corinthians e referência no Atlético Mineiro — os clubes onde viveu os principais momentos de sua carreira. E que ganhou títulos icônicos, como a Copa Libertadores da América de 1976 e o Campeonato Paulista de 1977, jogando com gênios da estirpe de Dirceu Lopes, Sócrates e Reinaldo.

Êxitos e boas recordações à parte, sofreu, como poucos, a dor da injustiça e o dissabor de perder para o apito. Também foi privado daquela que é uma das maiores glórias para o jogador profissional: representar seu país perante o mundo. Ainda assim, não se tornou alguém amargo. E foi na tranquilidade de seu lar — confortável, mas sóbrio — que ele recebeu Relvado, para uma conversa alegre em determinados momentos, até mesmo engraçada, mas sem papas na língua na hora de lembrar os capítulos mais delicados de sua trajetória.

Relvado: Palhinha, para começar, não há como não falar sobre o Cruzeiro, onde tudo começou. Como foi o processo de subida aos profissionais, sobretudo considerando o poder do time à época, e com você se tornando quase um substituto natural de Tostão, quando este foi vendido ao Vasco?

Eu comecei no Cruzeiro, no futebol de salão, em 1964, 65. De lá, fui para o juvenil, no futebol de campo. Nessa oportunidade, eu já estava acostumado a treinar com os jogadores mais antigos, do time principal.

Aquilo me deu uma experiência muito grande, com relação a minha vida profissional. Ali, tive a oportunidade de jogar com Tostão, Dirceu Lopes, Natal, Evaldo, Piazza, Zé Carlos, Raúl... Um time de alta qualidade, com o qual tivemos a condição de ganhar títulos.

Fiquei como titular só depois que o Tostão saiu. Eu subi com 16 pra 17 anos, jogava de ponta, ponta esquerda. Só queria jogar. Quando o Tostão foi vendido, o Yustrich chegou e falou: “Vai lá, que a posição é sua”.

Aí, fui. Já em uma final [do Campeonato Mineiro de 1972], fiz dois gols contra o Atlético, em que fui campeão com meus colegas, e tivemos as condições de nos firmar em definitivo, como titular. O Tostão era um gênio e realmente eu, no momento em que entrei, tive a felicidade de corresponder, fazendo muitos gols. Eu era muito veloz, chutava bem com as duas pernas. Não era grande jogador no cabeceio, mas me antecipava bem aos beques, cansei de fazer gols de cabeça.

E aí foi minha carreira. Em 1977, fui vendido ao Corinthians por 1 milhão de dólares, tive uma passagem muito boa lá. Em três anos, fui campeão duas vezes, em 1977 e 1979. Nisso, tive o problema de saúde do meu pai, quis voltar [para Belo Horizonte], o Atlético quis me contratar e vim para o Galo.

Depois de seis meses, meu pai faleceu. Então apareceram o Santos, o Corinthians novamente e o Palmeiras. Acabei indo para o Santos, juntamente com [o volante] Chicão. De lá, tive uma passagem rápida pelo Vasco, onde tive a felicidade de ser campeão também e retornei ao Cruzeiro em 1983, 84. O time tinha seis ou sete anos que não era campeão e em 84 tivemos a felicidade de ser campeões.

E a passagem pelo América Mineiro?

Eu já tinha encerrado [a carreira] e o [ex-treinador] João Avelino, que era um grande amigo que eu tinha, ele foi auxiliar técnico do Corinthians, lá em São Paulo, estava lá. Depois de três meses, ele saiu e eu assumi como treinador. Dali, fui convidado a ser auxiliar técnico no Cruzeiro e comecei minha carreira profissional como treinador.

Do Cruzeiro, fui lá para Andradas. De lá, o Corinthians me contratou. Depois rodei o interior de São Paulo e fiquei no União

São João de Araras, só que naquela época não compensava financeiramente o sacrifício.

Você menciona que quem te levou ao posto de substituto do Tostão foi o Yustrich, que é conhecido por ter sido um treinador linha dura. Como era o trato com ele?

Ele gostava de disciplina. Acho que, para se ter sucesso, em qualquer lugar, seja no trabalho, no futebol, tem que existir a disciplina. E ele era um treinador muito trabalhador. A gente entrava em campo sete horas da manhã e saía só ao meio dia. Cinco horas de treinamento, sabe? Muitos jogadores evoluíram com ele. Eu fui um deles, porque ele dava muito treinamento técnico e com aquilo — domínio de bola, passe, drible — a gente aperfeiçoou.

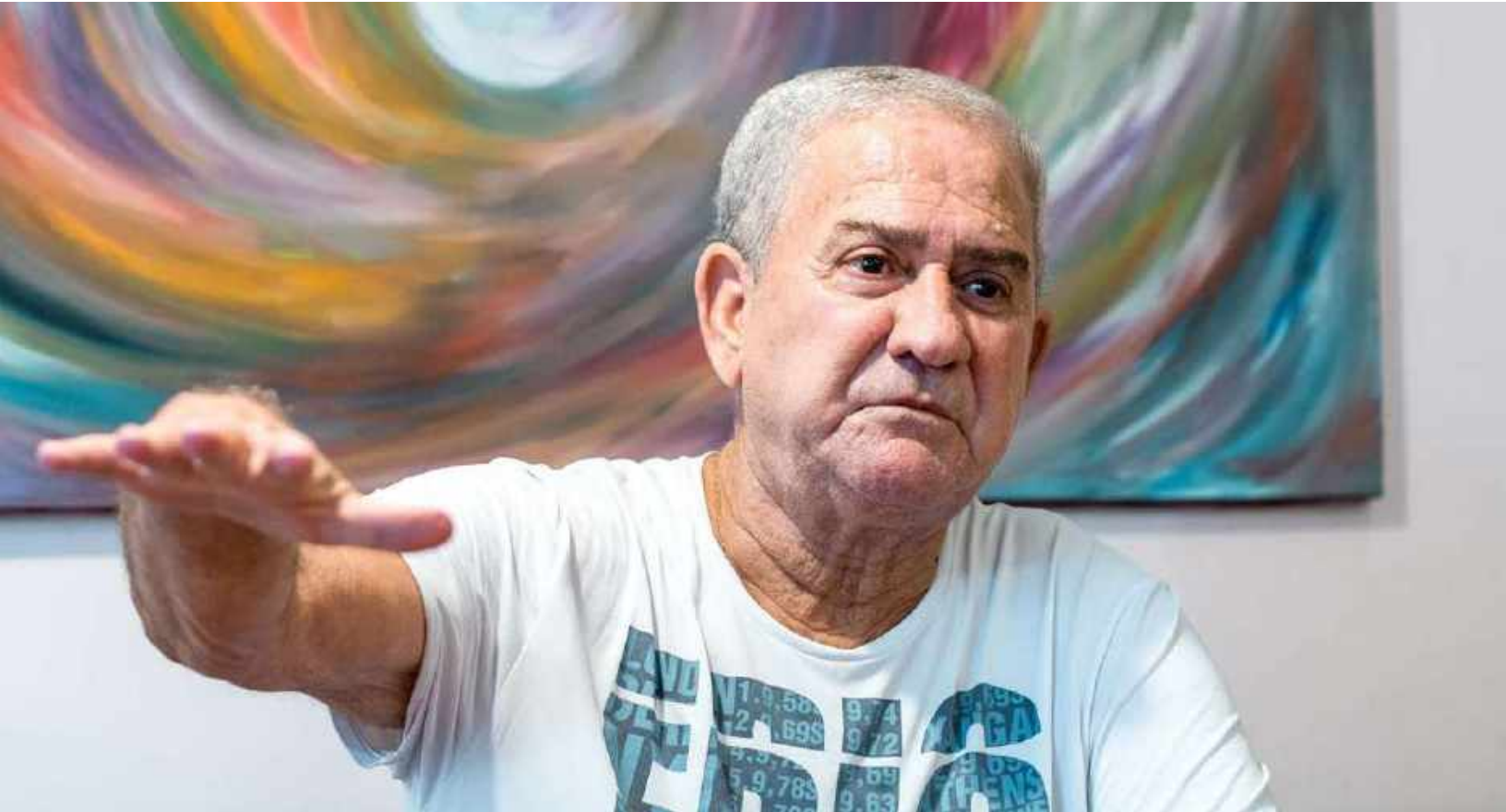
É difícil falar sobre um melhor time da história do Cruzeiro, mas não há dúvidas de que você atuou em um dos melhores. Ainda que em 1974 o clube tenha perdido o Brasileiro com erro da arbitragem, sendo novamente vice em 1975, ganhar a Copa Libertadores, com a sua artilharia foi um alívio?

Erro não, ele [o ex-árbitro Armando Marques] meteu a mão mesmo [na final de 1974]. Eu tenho uma tristeza por não ter sido campeão nacional nenhuma vez. Em 1974, tínhamos tudo para ser, né, mas o Armando Marques meteu a mão na gente e, depois, a outra final foi contra o Internacional. E o gol do Internacional foi originado de uma falta que o juiz marcou, mas não foi falta, tá me entendendo? O Valdomiro se jogou. A partir disso, teve um escanteio e o [Elías] Figueroa fez o gol de cabeça.

Depois a gente vê o seguinte: pelo Atlético Mineiro também, tanto na Libertadores da América, em que ele [o ex-árbitro José Roberto Wright] expulsou nosso time todo... Expulsou eu, o Chicão, o Reinaldo, o Éder, João Leite... O time era muito bom. E no Rio também [em 1980], no Campeonato Nacional, o [José de Assis] Aragão meteu a mão na gente. Não foi nem pelas três expulsões, os gols que nós fizemos, que íamos fazer, ele marcava falta e aquilo nos prejudicou muito. Então, houve influência, totalmente negativa, dos juízes. Minas tinha muito pouca força,

em termos de divulgação de imprensa, Rio e São Paulo sempre comandaram.

Você diria que o título da Copa Libertadores de 1976 é o grande feito coletivo da sua carreira?



Todo título é importante, cada um foi de alta importância, em termos de experiência, da felicidade do torcedor diante da conquista. A Libertadores foi um título que marcou bastante, até hoje é lembrado e jamais será esquecido. Foi um título em que tive a felicidade de, em dez partidas, marcar 13 gols. E, naquela época, não tinha essa facilidade que se tem hoje. Hoje, se enfrenta times sem expressão nenhuma na América na fase de grupos. Na época, eram apenas dois times de cada país, o campeão e o vice.

Nós ficamos com o Internacional e teve aquele jogo histórico, 5 a 4, em que fui expulso. O Figueroa tinha me quebrado, com uma cotovelada, lá em Porto Alegre. Eu falei “vou descontar”.

Tinha feito dois gols em cima dele, estava 3 a 1, aí eu dei uma cotovelada, mas não pegou nada. Eu não sabia dar cotovelada... Pegou na parte muscular... Eu fui expulso. E aí eu vi um jogador... Nem Pelé fez o que o Joãozinho fez nesse jogo. Ficou 3 a 2, 3 a 3, 4 a 3, 4 a 4 e 5 a 4. É um dos maiores jogos que o Mineirão já teve. Da forma como foi, o Cruzeiro com 10 jogadores, já que eu tinha sido expulso... foi um grande espetáculo.

Aliás, falando em cartões, durante a carreira, você adquiriu uma fama de revidar intimidações e agressões nos zagueiros adversários. Falamos, claro, de um tempo muito menos vigiado e com um ambiente em que era muito mais fácil para os defensores adversários intimidar um atacante. Esse rótulo é justo? Como era enfrentar os beques dos anos 70 e 80?

O beque de futebol, o jogador que joga na defesa, naquela época, sempre gostava de assustar o atacante. Só que comigo eles tiveram uma infelicidade, porque eu não era um jogador medroso. Se o cara me desse pancada, eu também dava nele, tá entendendo? Então, às vezes ele me dava porrada, eu ia e dava outra nele. Aí, ele voltava a me testar, vinha dava outra, eu dava outra nele. Aí ele pensava, “Palhinha não é bobo”. E o beque não tá acostumado a apanhar, só a dar.

Com isso, os caras me respeitavam bastante. A televisão não mostrava tudo, usava-se muito cotovelo, muito soco, sabe? Muitas jogadas desleais. E depois, com a evolução da televisão, isso modificou.

No Cruzeiro, você atuou com Dirceu Lopes, no Corinthians, com Sócrates, e no Atlético com Reinaldo — além de vários outros grandes jogadores — quem foi aquele com quem você teve um melhor entendimento dentro do campo?

Com quem eu me dei melhor — que à época, a imprensa de São Paulo ficou lembrando Pelé e Coutinho — foi o Sócrates. Em termos de tabelas, sabe? Mas o Cruzeiro teve dois times, teve esse de Tostão e Dirceu Lopes, essa turma, e depois teve a de [Roberto] Batata, Joãozinho, Jairzinho, com quem também fiz uma boa dupla.

Como foi chegar, quase como uma cereja do bolo, em um time do Atlético que já estava muito certinho, mas tinha espaço para um grande jogador?

Quando eu estava em São Paulo, o [Marcelo] Guzella, vice-presidente do Atlético, que era muito meu amigo, falou que queria mesclar o time. Eu já estava com 29 para 30 anos, o Chicão com 32, e queriam mesclar com a meninada nova, Reinaldo, Éder, Luisinho, Cerezo. Nós viemos como os jogadores que dão uma tranquilidade maior para os mais novos, porque sabíamos administrar no campo — o Chicão na parte defensiva e eu no ataque. E sabe o que acabou com aquele time? Acabou porque esse Alexandre Kalil, esse prefeito aí [da cidade de Belo Horizonte], formou um time de vôlei, sabe? Trouxe o Pelé e tal.

Os caras vieram ganhando, à época, 200 mil, enquanto a gente ganhava 10, 20, 30, 40 mil. Aí, depois desses campeonatos que foram muito bons, vieram clubes nos contratar. Saiu todo mundo. Luisinho foi para Portugal, Cerezo foi para a Itália, Reinaldo saiu, Éder também saiu.

Sempre se falou muito que as condições climáticas teriam atrapalhado o Cruzeiro no Intercontinental de 1976, com neve em Munique e chuva em Belo Horizonte. Não dá para questionar a qualidade do Bayern, tricampeão europeu, mas tendo atuado sob essas condições, você consegue imaginar um quadro diferente atuando em um campo seco?

Totalmente. O time alemão, o Bayern, era acostumado a jogar na neve, com campo pesado, em clima totalmente adverso. E a gente não estava acostumado. A neve, quando cai, se você toma um tombo, ela corta como se fosse caco de vidro. Lá, tivemos a infelicidade de perder de dois [a zero] e aqui, por azar nosso, choveu o dia todo.

Naquela época, a grama do Mineirão era totalmente diferente. Você afundava no barro. Tivemos mais essa infelicidade, porque era para ter sido campeão mundial. O nosso time era muito leve e rápido e com o campo pesado demais você ficava muito amarrado.



Sua contratação pelo Corinthians balançou as estruturas do futebol brasileiro, movimentando sete milhões de cruzeiros. O momento do Timão era difícil e você vinha de glórias com o Cruzeiro. Mas deu tudo certo e você conseguiu estabelecer uma conexão imediata com o torcedor corinthiano. Em certa entrevista à Placar, em junho de 77, você chegou a falar da diferença entre as torcidas do Timão e do Cruzeiro. Como foi ser ídolo do Bando de Loucos?

A felicidade foi muito grande. Nunca vi um jogador ser tão bem recebido. Quando eu cheguei no aeroporto, tinha uma limusine me esperando, com batedores, de lá saímos, eu estava com meu pai, minha esposa e minha mãe, fomos até o Parque [São Jorge], eles tocando a sirene, parecia que eu era um herói. Foi uma acolhida muito bacana. Eu pensei: “aonde eu fui amarrar minha égua”. Mas eu sempre vesti a camisa, eu era um jogador de muita luta, muita vontade, e isso aí o torcedor corinthiano, como também o torcedor atleticano, gosta, né? Mas naquela época foi importante pela forma como eu jogava, caí no Corinthians como uma luva. Na final [do Campeonato Paulista de 1977] eu tive

uma infelicidade. No primeiro jogo, eu fiz um gol de rosto, o gol que é um marco pela forma que foi, porque eu chutei a bola, ela pegou no cara, veio no meu rosto e entrou. Depois, no segundo tempo da segunda partida, eu tive um problema muscular, uma distensão, e não pude disputar a final. Mas mesmo assim, 99% já tava feito. Aí o Basílio teve a felicidade de fazer o gol [do título].

Muita gente acha curioso essa conquista ser uma das maiores da história do Corinthians, mas antigamente os estaduais tinham outro papel no futebol nacional. Na sua visão, quais são as principais razões para esses campeonatos terem perdido força?

O estadual passou a ser um título sem tanta importância, porque tem outros campeonatos, Libertadores, campeonato nacional... E, no estadual, você vê o seguinte, vou falar aqui de Minas: os times do interior não têm as mínimas condições de disputar um campeonato bom em termos de equilíbrio de forças.. Antes, o mercado era mais restrito, era difícil um jogador sair. Você vê, em 1964, o Siderúrgica foi campeão mineiro, o próprio Villa [Nova] também. Não compensa mais ter o estadual. É prejuízo para os clubes. Acho que sempre vai ser isso. Para o campeonato ser bom, os clubes têm que ter estrutura e 80% dos times do interior não têm estrutura nenhuma. Eles armam o time três meses para jogar três meses, acaba ali e cada um vai para o seu canto.

Hoje, há uma verdadeira loucura pela Copa Libertadores da América. Nos anos 70, em que menos clubes disputavam, a competição continental já era vista pelas equipes como o maior objetivo, em detrimento dos torneios nacionais e estaduais?

A Libertadores já era mais importante que o Campeonato Brasileiro. E você tem que analisar o seguinte: a Libertadores abre portas. Se você é campeão, tem condições de disputar o Mundial de Clubes, ser visto por todo o planeta .

Ainda sobre Libertadores, mesmo hoje sendo muito mais fácil a obtenção de informações a respeito dos adversários

sul-americanos, os clubes brasileiros mantêm um certo status de ter jogadores superiores do ponto de vista técnico (até mesmo por conta da diferença econômica), mas mais fracos psicologicamente. Você acredita nisso, ou vê outros fatores justificando o fato de a competição seguir sendo muito dura para os brasileiros?

Se você pegar os países da América do Sul, eles falam o quê? O castelhano, o espanhol. Só o Brasil fala português. Isso tem influência, o juiz, em relação ao jogador que fala espanhol, muitas vezes, cede em alguma coisa. E o brasileiro fica com esse prejuízo. E também tem o seguinte: com a queda do nosso futebol, começou a haver integração, equilíbrio.

Antes, exportávamos aos montes, agora passamos a contratar jogadores [estrangeiros] que não são de alta qualidade, são medianos.

Por que você acredita que o futebol brasileiro caiu, ou, pela via inversa, outros países evoluíram tanto? Você acha que o fato de os meninos só poderem entrar na base aos 14 anos tem influência no processo?

Sabe o que aconteceu no Brasil? Tem treinador de base hoje que só estudou na faculdade, não tem experiência, prática. O treinador formado, começa a podar a habilidade do menino. Se ele dribla bem, leva a bola, usa a velocidade... O menino tem que pegar a bola e passar. Se não fizer isso, ele coloca o menino na reserva. Isso tirou o lado criativo do nosso jogador. Se você for ver, é tão difícil apontar um jogador criativo.

Naquela época, os treinadores deixavam o jogador deslanchar, com sua habilidade, não se anulava o jogador. É na base, começa lá. Tiram até parte da personalidade da criança. É preciso ter noção de que o esporte, para um menino de 11, 12, 13 anos, o futebol, tira os meninos da rua. Se ele ficar na rua, vai aprender a fumar maconha, pode se envolver com o crime. Depois que a criança toma amor pelo esporte, ela se distancia desse meio. É um problema social, o Ministério Público fica enchendo o saco por pouca coisa.



Se o menino tem 10 anos: o que é que tem ele começar a jogar o futebol com essa idade? Os clubes grandes têm estrutura. E os meninos, apesar dos problemas que ainda existem, são obrigados a estudar. Se você vir, por exemplo, a Toca da Raposa tem sua própria escola, tem acompanhamento psicológico, há uma formação muito boa.

Voltando à sua carreira, quando você chegou ao Corinthians era para ser “o cara” do time. De repente, chega o Sócrates.

Eu joguei com o Sócrates por dois anos. Nós tivemos um entendimento muito grande, não só no lado profissional, mas também no familiar. Éramos muito amigos. Eu o levei para morar no prédio em que eu morava, quando ele estava chegando em São Paulo. E ele estava chegando de Ribeirão Preto, não era igual... Ele gostou do apartamento, alugou e íamos treinar sempre juntos. Dentro de campo, não precisa nem falar. Eu acompanhava a inteligência do Sócrates. Eu não era também

tão burro, mas eu acompanhava ele. Então, começaram a sair grandes jogadas. Foi um processo natural. Foi uma coisa bonita. Ele foi um dos grandes amigos que eu tive no futebol.

Você conviveu com muita gente do Corinthians que acabou participando, anos depois, da Democracia Corinthiana. Já havia, então, esse clima politizado nos vestiários?

Não. Durante quase três anos, em São Paulo eu fui o presidente do Sindicato dos Jogadores. Os profissionais daqui do Brasil eram muito acomodados. O jogador é acomodado. Ele tá vendo as coisas e não toma posição, ele abaixa a cabeça e vai em frente, ao invés de tomar uma posição, como um líder.

Naquela época, você já não ganhava muito. O futebol só começou a mudar depois de 80. Hoje, um menino de 15, 16 anos, às vezes ganha 200 mil por mês, já que com a mudança da legislação, se um clube depositar 200 vezes (o valor do salário), o menino pode se transferir. E na nossa época não era assim, você era quase um escravo. Ficava preso ao clube, nesse sentido mudou para melhor. Se você for ver, na nossa época, ganhávamos muito pouco pelo tanto que representávamos.

Outro tema controverso: você foi muito bem por três clubes e é profundamente respeitado por três torcidas gigantescas. Entretanto, pouco representou a Seleção Brasileira. A concorrência, certamente, era qualificada, mas você pensa que houve algum outro motivo para isso? E não ter, por exemplo, atuado em uma Copa do Mundo é algo que te incomoda de alguma forma — naquela mesma entrevista à Placar, você pediu para não falar sobre Seleção...?

Isso me incomoda porque tinha uma panela no Rio e em São Paulo, mais no Rio. Em 1978, eu e o Sócrates estávamos arrebrandando. Tinham que ter levado eu e ele. Ele [o ex-treinador Cláudio Coutinho] levou Serginho, não diminuindo, ele levou Serginho, Jorge Mendonça, Roberto Dinamite e, nessa época, pelo que vínhamos jogando, se a gente fosse a imprensa de São Paulo iria pressionar para colocar Sócrates e Palhinha. O Coutinho não levou nem eu nem ele. Por que é que só sai



treinador do Rio? Agora que mudou. Naquela época era Zagallo, Parreira — que nunca foi treinador, era preparador físico...

Quando veio o Telê, eu já estava com a idade avançada. Em 1982 ele formou uma puta seleção, de peso. Mas ali eu já não tinha esperanças, o Telê estava olhando para gente mais nova. Isso não me incomodou. Eu poderia ter ido em 1974 e 1978. Em 74, fomos para uma excursão, ficamos viajando por quase 40 dias, jogando contra seleções de lá, eu entrei em uma partida contra a Áustria. Havia uma disputa entre Paulo César, Jairzinho e um pouco o Rivellino, para saber quem seria o sucessor do Pelé. Nesse jogo, eu fui o meia ponta de lança, encostando no centroavante. Como os caras não estavam fazendo de voltar e marcar, o babaca aqui começou a ajudar a defesa, porque tinha que fechar. Depois, o Zagallo chegou para mim e falou “você saiu porque não estava fazendo bem a sua função”. Mas ele não falava com o Paulo César, tinha medo, nem com Rivellino e Jairzinho. Em relação a isso, a minhoca era eu.

Já que chegamos ao Jairzinho, qual foi o tamanho desse jogador, que chegou ao Cruzeiro, como referência, de forma semelhante àquela com que você desembarcaria no Galo?

Com certeza. Chegou de forma semelhante. O tratamento sempre foi o melhor possível, principalmente por se tratar do Jairzinho, com todo o nome. Mas eu tive, logo no início, um atrito com ele. O Jairzinho tinha mania de levantar o braço e a gente sentia que ele tava colocando a gente contra a torcida. Você errava um lance e ele “pô!”. E um dia eu fiquei cara a cara com ele e falei “você vai tomar no seu cu! Eu não levanto o braço para você quando você erra e da mesma forma você tem que agir comigo”. Depois daquilo, nós ficamos tão amigos, até no contexto familiar. Nada que um palavrão não resolvesse. Ele achava que era o rei da cocada e que podia fazer o que quisesse. E nem todos estavam dispostos a aceitar essas atitudes que colocavam os jogadores contra a torcida.

Há algum momento que lhe venha à mente ao pensar em sua carreira?



O que penso é o seguinte: cumpri minha meta e fico feliz com o reconhecimento recebido até hoje dos torcedores. Eles chegam e falam: “pô! Você jogava demais!”, sabe? Você fica feliz com isso. Foi uma época boa, depois que consegui me firmar eu só tive alegria com o futebol. Não! Eu tive também tristezas, das vezes em que a gente foi roubado. Sobre o Wright, ele é um mentiroso. Ele é um cínico.

E, finalmente, não tem como não falar: como foram aqueles minutos, em 1981, quando os jogadores do Atlético foram expulsos?

Aquilo foi rápido. Eu era o capitão daquele jogo. Ele expulsou o Reinaldo por ter feito uma falta normal. Depois, o Éder ele expulsou da mesma forma. Eu falei “nosso time estava tão bem postado” que cheguei para o Carlos Alberto Silva e falei “vamos continuar”. Ele queria tirar o time de campo. Aí quando cheguei no meio de campo, o Chicão também tava expulso. Aí eu falei: “Vá tomar no seu cu, Wright. Eu sou o capitão, você quer ganhar o jogo para o Flamengo, então você vai ganhar”. E ele me expulsou. Aquilo ali foi armado.

Em 1974, o Armando Marques... o Zé Carlos fez um gol lícito, bola de linha de fundo. O auxiliar correu para o meio de campo e ele deu impedimento. São coisas que deixam você revoltado. Você luta o ano todo para chegar. Ser vice no Brasil não vale nada, tem que ser campeão. Eles não dão valor nenhum. Você viaja, se sacrifica e toma essa porrada. E não é erro, é má intenção. ■

OUÇA

FOOTURE

Podcasts Futeboleiros



The Pitch Invaders

Grandes convidados e análises profundas sobre o que acontece dentro e fora das quatro linhas.



Calciopizza

...

Leo Bertozzi, Mairon Rodrigues e grande elenco debatem o futebol italiano com pautas atuais e históricas.



Entrelinhas

...

Léo Miranda e Renato Rodrigues analisam e debatem assuntos relevantes do futebol brasileiro e internacional.



Footurismo

...

Paulo Calçade e Eduardo Tega falam sobre as tecnologias e inovações que vão mudar o futebol.



El Perro Invasor

...

O Footure em espanhol. Convidados de vários países trazem as mais diversas visões sobre o futebol.

Disponíveis nas plataformas:



www.footure.com.br

O ídolo do Julinho e de todo mundo

Posfácio | Por Rodrigo Salvador

Ouvir falar do Krüger todo mundo no Curitiba ouviu. É o maior de todos os tempos, não, é o Fedato, não, é o Jairo, é o Krüger sim, vocês não viram o Pizzattinho jogar, tem uma dessa por mês nos corredores do Couto. Talvez quem tenha me despertado mais o olhar para o super-homem que foi Dirceu Krüger (cara, já faz duas semanas e ainda dói falar dele no passado) foi meu colega Gibran Mendes. Deve ser por alguma influência dele, então, que eu quero contar essa história como o Gibran contaria: sob a ótica do Julinho.

Janeiro de 1966. Enquanto de um lado da cidade Julinho chorava pela primeira vez, do outro um guri loiro e ligeiro assinava um contrato pra jogar futebol no clube mais importante do estado do Paraná. Mais ou menos um mês depois, Julinho acordou meio assustado: o rádio do pai gritava “Gol do Curitiba! Krüger! Krüger!”. A mãe certamente gralhou, o guri logo voltou a dormir, e o pai comemorou em paz o gol contra o Grêmio. Julinho tinha quatro anos quando recebeu um presente do pai: a primeira ida ao Belford Duarte. Ele já desfilava a camisa do Cori pra cima e pra baixo, era hora de ver o time jogar de pertinho, jogo contra o Água Verde, era uma chance boa de ganhar. Compraram o ingresso, procuraram um lugar bem no meio do campo. O time entrando no gramado e o pai apontou pro camisa 8: “olha lá, filho, é o Flecha Loira”. Na cabeça do garoto, o universo diminuiu pra orbitar em torno daquele homem: “quem é esse cara que o meu pai tá falando que é bom? Se o meu pai tá falando, o meu pai, nossa, então deve ser um monstro! E ainda tem esse nome, Flecha! E loira ainda!”

Comecinho do jogo, bola na área, vai lá quem? O Flecha Loira, numa ligeireza que só, o goleiro maluco tentando sair do gol, corre Flecha, ele tocou por cima do goleiro, a bola tá entrando, gol! gol! é o primeiro gol do Curitiba que o Julinho vê ao vivo, gol do Flecha, pai, cadê o Flecha, é ele caído ali? gente tá tudo bem com o Krüger? ei, amigo, você viu o que aconteceu? vish, o Filpo Nuñez mandou o Joaquinzinho aquecer, parece sério hein, pai, por que ele tá saindo? ele se machucou filho, mas ele não fez o gol? fez mas se machucou e

parece feio, vai entrar o Joaquinzinho. O jogo continuou, Werneck marcou mais um, o Água Verde mais dois, empate e o Julinho voltava pra casa. Tá, mas o que aconteceu com o Flecha, pai? “Aconteceu que ele morreu, filho”.

O boato correu rápido. Ele tinha alguns dias de vida. Recebeu a extrema unção. Toda a cidade comovida. Menos o Julinho. Ele tinha certeza que não era nada disso. Um super-herói não ia morrer daquele jeito. Ele era o Flecha Loira, ia dar um jeito. Se o povo tivesse prestado atenção no Julinho, ficaria menos preocupado: o Flecha deu um jeito. Ficou bom. E quando falou que ia voltar a jogar, os olhos do Julinho não piscaram por uma semana. Menino de sorte o Julinho. Enquanto esperava ver o Flecha de novo, ouviu no rádio alguns nomes talvez tão bons quando o do ídolo: Pelé, Tostão, Jairzinho, Gerson, Carlos Alberto, Rivelino. Eram bons aqueles caras, sim. “Pai, se o Flecha já estivesse bom pra jogar, no lugar de quem ele ia jogar nessa Copa?”

Krüger ficou bem o suficiente para, naquele mesmo 1970, embarcar em excursão com o time do Coritiba. Julinho ficou sabendo de tudo pela Rádio Clube e pelo pai: na França, contra o Angers, o Flecha voltou a fardar. Na Romênia, contra o Pitesti, marcou o primeiro gol do jogo. No rádio, diziam que os romenos não faziam ideia do motivo de tanta comemoração por um gol. O Julinho sabia. E sabia que viriam mais, como os dois marcados na Argélia dias depois. Com cinco anos, Julinho viu o Coritiba ser campeão paranaense. E aos seis. Com sete, campeão duas vezes: paranaense e do Torneio do Povo. Com oito, mais um título. E mais um com nove, mas esse com uma surpresa ruim: O Flecha não aguentava mais. “A gente chega numa certa idade, não suporta mais aquele tranco de jogo (...) O Jogador deve chegar uma época e reconhecer o que pode dar e o que não pode dar. Eu não posso dar mais ao clube, então eu paro”. Era um choque para o Julinho e, ao mesmo tempo, uma lição.

Com 13 anos, Julinho já era mais desconfiado com as coisas da vida. Não era de aceitar tudo de muito imediato. Quando o gigantesco Tim deixou o comando técnico do clube, Krüger seria o novo treinador. E ele desconfiou se aquilo podia dar certo. O Flecha era o craque da infância dele, mas teria condições de treinar o time? Campeonato Brasileiro, Coritiba 1 a 0 Brasil de Pelotas. Sim, Julinho, ele tinha sim. Tanta condição que assinou a súmula outras 183 vezes. Inclusive em 1985, quando Julinho assistiu, do alto dos seus 19 anos, o Coritiba ser o primeiro campeão da Nova República. O tempo passou, Julinho cresceu. Até os 31 anos, trabalhou, se casou, se mudou, se mudou de novo, brigou, fez as

pazes. Muita gente entrou e saiu da vida dele. Poucos ficaram. Dirceu Krüger, por exemplo. Não mais Flecha, já bem menos Loira, mas ele estava mais uma vez no comando do time durante todo o campeonato estadual. A última vez. Como de costume nestes jogos marcantes, uma vitória, 1x0 contra o Apucarana. Rubens Minelli assumiria o time e Julinho nunca mais veria Krüger como técnico do Coxa.

Nos corredores, a presença ainda era garantida. Um dia era auxiliar, no outro cuidava da categoria de base. Vira e mexe, em dia de jogo ou evento, quando Julinho passava por lá, tinha a sorte de ver a cabecinha branca de Krüger passando por ali e dizendo o quanto a torcida era fundamental para o clube. Certa vez, num domingo desprezioso, Julinho viu Krüger passando ao largo e chamou para apresentá-lo ao seu filho, então com quatro anos. “Eu tinha a sua idade quando vi esse cara pela primeira vez, jogando o fino da bola”. Aos 49 anos, Julinho comprou uma cota de 300 reais – que dava direito a uma camisa personalizada – e duas de 70 – que davam direito a uma caneca personalizada – para colaborar com a construção da estátua do Krüger. A camisa ficou pra ele, as canecas deu de presente para colegas de trabalho. Era muito mais do que ele podia pagar, mas foi o máximo que pôde ajudar na homenagem ao Flecha Loira. Julinho sabia que era um dos privilegiados por poder eternizar em bronze alguém que ele viu jogar.

No dia 25 de abril de 2019, eu estava no velório do Krüger. Abracei tanta gente que sentia a mesma dor que eu, abraços de alívio que vão viver por anos na minha memória. Perto do caixão, eu conversava com um amigo sobre o jogo que quase vitimou o Krüger em 1970. “Eu tava nesse jogo aí”, me diz um senhor entrando na nossa conversa. Se apresentou como Seu Julio e me contou alguns detalhes daquele dia que eu jamais tinha ouvido. Não sei se ele era o Julinho, se tinha 53 anos. Sei que eu agradeço por ele ter, sem querer, emprestado o nome pra esse texto. Sei que Krüger misturou a história da sua vida com o clube. E sei que, enquanto a gente lembrar não só as conquistas no campo, mas principalmente a pessoa que ele foi, nós estaremos em um bom lugar.

Krüger dizia que, quando morresse, seria enterrado no meio do campo. Dizia isso sem perceber que o meio do campo é que tinha se enterrado nele, com tudo o que aconteceu ali junto. Krüger não pode ser enterrado no meio do campo porque ele é o meio do campo, as laterais, as arquibancadas, o Alto da Glória, o rádio do pai do Julinho. Krüger é imenso. E sempre será. ■



relvado



A História do futebol com boas histórias.

revistarelvado.com.br